

Revista Adventista

Ano 76 · Nº 818 · €1,90

Julho 2015

“E ABRIRAM-SE OS LIVROS”

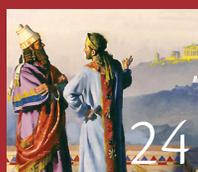
Perspetivas sobre o juízo pré-Advento



“FRICÇÃO” CIENTÍFICA

Só a Ciência conta?

09



ESCREVEU O PROFETA DANIEL O LIVRO DE DANIEL?

Conheça a resposta.

24



DEUS É AMOR

Esta é a grande verdade da Bíblia.

34



O que pensa é importante!

7 Segredos de Bem-estar

A saúde mental é uma parte vital da nossa saúde geral, afetando a forma como pensamos, sentimos e agimos. Desempenha um grande papel na nossa capacidade de lidar com o stresse, na ligação

com os outros e na produtividade. O que melhora a nossa saúde mental? Uma nutrição adequada, o descanso adequado e o exercício físico têm um impacto positivo na função cerebral. A nossa inteligência emocional também está fortemente relacionada com as nossas convicções religiosas. Aquilo em que cremos influencia o desenvolvimento das nossas emoções e determina como reagimos aos

eventos da vida. Outra forma de melhorar a nossa saúde mental é tendo uma atitude positiva na vida. Aqueles que pensam positivo experimentam diversos benefícios na saúde, incluindo uma melhor saúde mental. Porque não experimentar por si mesmo? Pense positivo! ♥

Pode começar hoje!

www.secretsofwellness.org



IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

150 ANOS

DE PROMOÇÃO DA SAÚDE



QUERO VIVER MAIS



Dr. Jan-Harry Cabungcal
Neurocientista
Lausanne, Suíça

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



06

O Remanescente de Deus do tempo do fim

O conceito de "remanescente" tem uma longa história bíblica, estendendo-se de Génesis a Apocalipse.

TEOLOGIA



30

Reflexo de Cristo

Conheça a personalidade e a trajetória espiritual do autor do Apocalipse.

BÍBLIA



10

Os braços levantados de Moisés

Eis uma daquelas histórias que conhecemos desde os primeiros anos de vida e que não nos cansamos de rever pela sua espetacularidade.

VIDA CRISTÃ

04 O JUÍZO INVESTIGATIVO EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

21 NOTÍCIAS NACIONAIS

29 DEUS E GALILEU ESPAÇO JUVENIL

09 "FRICÇÃO" CIENTÍFICA > REFLEXÃO

A ideia de que a Ciência é o árbitro decisivo da verdade é uma pretensão filosófica, não científica – e ainda por cima uma pretensão sem fundamento.

12 "E ABRIRAM-SE OS LIVROS" – PERSPETIVAS SOBRE O JUÍZO PRÉ-ADVENTO > ARTIGO DE FUNDO

Os Adventistas do Sétimo Dia não foram os primeiros, mas hoje são os únicos que ensinam existir um juízo pré-Advento.

24 ESCREVEU O PROFETA DANIEL O LIVRO DE DANIEL? > INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

A autoria do livro de Daniel tem sido discutida desde há séculos.

34 DEUS É AMOR > DEVOCIONAL

Deus ama-me. E nada há que eu possa fazer para mudar isso, porque Deus é amor.





O Juízo Investigativo

“UM RIO DE FOGO MANAVA E SAÍA DE DIANTE DELE; MILHARES DE MILHARES O SERVIAM, E MILHÕES DE MILHÕES ASSISTIAM DIANTE DELE; ASSENTOU-SE O JUÍZO, E ABRIRAM-SE OS LIVROS.” DANIEL 7:10.

A doutrina do Juízo Investigativo é uma importante doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A Igreja ensina que, em 22 de outubro de 1844, Cristo deixou o lugar santo e passou para o lugar santíssimo no santuário celestial. O sentido deste acontecimento é prefigurado no Dia das Expições descrito em Levítico 16:16-33. Antes da Segunda Vinda de Jesus é necessário que o juízo tenha início e termine. Neste juízo serão julgados todos os que se declararam seguidores do Messias e têm o seu nome inscrito no livro da vida, primeiramente aqueles que já morreram e depois os que estarão vivos para testemunhar o regresso de Jesus. O Juízo Investigativo tem como objetivo remover dos livros celestiais os pecados confessados por aqueles que imitaram Jesus Cristo na sua vida. Mas ele também mostrará ao Universo que o pecado tem um originador, Satanás, e que Deus é justo e misericordioso. Esta condenação de Satanás era representada no Dia das Expições pela transferência dos pecados

do povo para o bode emissário. O Juízo Investigativo é também um exercício pedagógico. Ele transmite à Humanidade a mensagem de que todas as coisas que fazemos, dizemos ou pensamos são registadas nos livros do Céu e que, a não ser que nos arrependamos e confessemos as nossas faltas, os nossos pecados permanecerão nos livros e a vida eterna ficar-nos-á vedada. Portanto, é tempo de realizarmos uma introspeção e de colocarmos o nosso coração nas mãos de Deus. É tempo de sermos revestidos pela justiça de Cristo, demonstrando profundo arrependimento e verdadeira tristeza pelos pecados cometidos. “Portanto Deus estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o de entre os mortos” (Atos 17:31). Sabemos que existem pelo menos dois livros envolvidos no Juízo Investigativo: o livro da vida e o memorial onde estão registados os atos dos seres humanos. “A vida de todos os que creram em Jesus é passada em revista peran-

te Deus ao abrirem-se os livros de registo no juízo. Começando pelos primeiros a viver na Terra, o nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva, finalizando com os vivos. Cada nome é mencionado, cada caso minuciosamente investigado. Aceitam-se nomes, e rejeitam-se nomes. Quando alguém tem pecados que permaneçam nos livros de registo, para os quais não houve arrependimento nem perdão, o seu nome será omitido do livro da vida, e o relato das suas boas acções apagado do livro memorial de Deus” (Ellen White, *O Grande Conflito*, p. 404, ed. P. SerVir).

A Bíblia afirma que “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Eclesiastes 12:14). Em Apocalipse 14:7, é-nos dito que é chegada a hora do juízo de Deus.

Assim, caro Leitor, coloque a sua fé em Jesus como seu Salvador e Rei, pois agora é o tempo da Salvação! ✨

• **Pr. António Rodrigues,**
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

julho

| | |
|-------------|---|
| 02-05 | Acampamento LOGOS |
| 04 | Dia de Jejum e Oração |
| 09-12 | ACNAC de Rebentos |
| 19/07-15/08 | Formação de Promotores de Saúde |
| 19-26 | ACNAC de Tições |
| 20 | Encontro de Docentes da Rede Escolar Adventista |
| 31/07-09/08 | IMPACTO |
| 31/07-09/08 | ACNAC de Famílias |

agosto

| | |
|-------|--|
| 03-09 | Camporee Internacional de Desbravadores |
| 12-23 | ACNAC de Companheiros e Seniores |
| 22 | Dia de Sensibilização para a Não Violência |
| 23-30 | ACNAC de Desbravadores |

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

julho

| | |
|-------|-------------------------------------|
| 04-08 | União Suíça (SU) |
| 13-17 | Associação da Morávia-Silésia (CSU) |
| 20-24 | Hospital Waldfriede (EUD) |
| 27-31 | Faculdade Vila Aurora (IU) |

agosto

| | |
|-------|--|
| 03-07 | Associação do Banat (RU) |
| 10-14 | Associação Berlim-Alemanha Central (NGU) |
| 17-21 | Publicadora <i>Vie et Santé</i> (EUD) |
| 24-28 | Publicadora SerVir (PU) |

ANTENA 1  RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

| | |
|-------|---------------|
| 20/07 | Segunda-feira |
| 30/07 | Quinta-feira |
| 10/08 | Segunda-feira |
| 31/08 | Segunda-feira |

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

| | |
|-------|---------|
| 23/08 | Domingo |
|-------|---------|



BANCO DE LEITURA

O Salvador Prometido

Sinais dos Tempos

O Banco de Leitura do presente mês é dedicado à revista *Sinais dos Tempos* do segundo trimestre de 2015, que tem por título *O Salvador Prometido*. Este número da revista apresenta as profecias messiânicas que delinearão previamente a vida do Salvador.



No primeiro artigo temático, intitulado “O Salvador Prometido”, Paulo Lima apresenta algumas das mais importantes profecias messiânicas, ao mesmo tempo que mostra como elas foram cumpridas por Jesus de Nazaré. O segundo artigo temático tem por título “Nascido para morrer” e foi escrito por Marvin Moore.

O autor discute o que estava em causa na morte de Jesus e procura também expor as razões que levaram Cristo a sacrificar-Se pela Humanidade. O terceiro artigo temático tem por título “As extraordinárias pretensões de Cristo” e foi escrito por Geoffrey Garne. Neste artigo mostra-se como a ressurreição de Jesus é um facto histórico comprovável. A revista *Sinais dos Tempos* tem ainda um interessante artigo intitulado “A profecia fala – prevendo o futuro”, que relata o modo como algumas importantes profecias bíblicas se cumpriram historicamente, o que dá margem para se crer que as palavras da Bíblia são mais do que meras palavras humanas. Clifford Goldstein contribui também com um artigo para a revista *Sinais dos Tempos* deste trimestre. Este artigo intitula-se “Como é o amor de Deus” e apresenta-nos um Deus que ama a Humanidade e está pronto a ir até à cruz para demonstrar a realidade desse amor.

Este número da *Sinais dos Tempos* inclui ainda, como habitualmente, duas secções que pretendem alargar os nossos conhecimentos sobre a Bíblia. Na secção “Linha Aberta”, o teólogo Ángel Manuel Rodríguez esclarece-nos sobre a duração exata do período de tempo que Cristo passou no sepulcro, mostrando como se deve compreender a expressão “três dias e três noites”. Na secção “A Bíblia Ensina” é apresentado um esclarecedor estudo bíblico sobre a origem familiar e o nascimento do Salvador. Assim, caro Leitor, convido-o a obter e a ler com atenção esta interessante revista. Ela irá certamente fortalecer a sua fé em Jesus como o Salvador da Humanidade e o Messias de Israel. Poderia haver um motivo mais forte do que este para a ler? ✨

Paulo Lima

Redator da Revista Adventista



o Remanescente de Deus do tempo do fim

QUAIS SÃO AS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DESTE CONCEITO TEOLÓGICO?

.....

O conceito de “remanescente” tem uma longa história bíblica, estendendo-se de Génesis (6:9; 7:23) a Apocalipse (12:17). Ele é fundamental para se compreender a natureza do povo de Deus e a Sua divina intenção para este. No centro deste conceito bíblico jaz um profundo interesse na preservação da vida humana. No mundo antigo, as famílias, as tribos e as nações eram frequentemente ameaçadas pela possibilidade de extermínio através de ataques militares ou de outras catástrofes. Consequentemente, era natural colocar-se a questão da sua sobrevivência. Se

apenas uns poucos sobrevivessem, um remanescente, o grupo não se extinguiria. Todos os esforços eram feitos para assegurar que o remanescente deles seria deixado vivo sobre a Terra.

Significado teológico

A perspectiva do Velho Testamento: No Antigo Testamento, o conceito de “remanescente” estava imbuído de um conteúdo teológico significativo. Ele estava imerso no conflito cósmico e veio a expressar que, neste conflito cósmico, Deus seria vitorioso. As forças do mal tentaram exterminar o povo de Deus, a semente da mulher (Gén. 3:15), e ocasionalmente parecem

ter sido bem-sucedidas, enganando, corrompendo e perseguindo alguns de entre o povo de Deus. No entanto, Deus sempre preservou um remanescente. Através destes fiéis, a Sua intenção divina foi realizada no fluxo da História. Eles foram preservados através da Sua graça salvadora. Na maior parte do tempo, isto aconteceu no meio da apostasia nacional (e.g., Gén. 7:23; I Reis 19:14; Apoc. 2:24). Quando a verdade foi rejeitada, Deus preservou um remanescente através do qual a verdade foi protegida e restaurada.

A perspectiva cristológica: O remanescente está profundamente ligado à pessoa e à obra de Jesus

Cristo. Embora o povo de Deus seja parte da semente da mulher (Apoc. 12:17; cf. Rom. 16:20), Jesus é a Semente da mulher; os membros do povo de Deus são a descendência dela, mas Jesus é o Filho da promessa (Apoc. 12:5). Ele é a expressão culminante do remanescente. Ele veio para um mundo de rebelião e pecado, permaneceu absolutamente leal a Deus e derrotou permanentemente as forças cósmicas do mal. Jesus foi o instrumento majestoso de Deus para revelar ao Universo a verdade acerca do caráter amoroso de Deus. N'Ele e através d'Ele Deus preservou a raça humana. Portanto, a identidade e a obra do povo remanescente de Deus é determinada e centrada na pessoa e na obra do Filho de Deus.

Os Adventistas e o Remanescente de Deus do Tempo do Fim

Os Adventistas creem que Deus os suscitou no final do conflito cósmico como um movimento de reforma para preparar o mundo para o regresso de Cristo. Eles encontram em Apocalipse 12-14 a sua identidade como remanes-

cente de Deus do tempo do fim, a sua mensagem e a sua missão. O conceito de “remanescente” desempenha um papel significativo no Apocalipse e expressa-se através de diferente terminologia. Eles são especificamente chamados “o remanescente/o resto” (12:17). A palavra grega usada por João é *loi-pos* e designa aquilo que pertence “à parte de um todo que permanece ou continua e, assim, constitui o resto do total – ‘resto, remanescente, o que resta, outro’”.¹ No Apocalipse ela designa, entre outras coisas, o remanescente na igreja de Sardes (3:2) e o remanescente fiel de Tiatira (2:24).²

O remanescente histórico: Segundo o Apocalipse, o remanescente é uma entidade histórica. Apocalipse 12 fornece um sumário profético da experiência da Igreja Cristã. O dragão ataca primeiro o Filho de Deus (12:1, 4 e 5) e depois a mulher, a Igreja, numa tentativa de a destruir (12:13). Em resultado disso, o verdadeiro povo de Deus entra para a clandestinidade e é protegido por Deus (12:14-16). Os 1260 dias designam o período de tempo durante o qual a Igreja experimen-

ta a apostasia, impondo as suas perspectivas aos outros através do poder civil (veja-se Atos 20:29 e 30; II Tes. 2:2-6; Dan. 7:25; 8:12). Os Reformadores tentaram restaurar a verdade bíblica, mas infelizmente a sua tarefa ficou inacabada. Outras verdades bíblicas necessitavam de ser restauradas. Perto do fim do conflito, um remanescente permanece, e ele torna-se no objeto do ataque do dragão (Apoc. 12:17).

O Remanescente visível: Segundo Apocalipse, o remanescente do tempo do fim é identificável, é visível. Ele possui algumas características específicas. Primeira, ele guarda os mandamentos de Deus (12:17; 14:12). A referência é, primeiramente, ao Decálogo. A questão central neste conflito diz respeito à adoração: Quem devem os seres humanos adorar (14:7)? Dado que a Lei de Deus foi alterada (veja Dan. 7:25), é necessário restaurá-la. O Sábado do sétimo dia deve ser restabelecido no Decálogo. Os seres humanos necessitam de compreender que a apostasia torna a Igreja vulnerável a mais enganos demoníacos (Apoc. 13:13 e 14; 16:13 e 14). O



remanescente, apoiando-se na graça de Deus, guarda os Seus mandamentos. Segunda, eles têm o testemunho de Jesus (Apoc. 12:17). O testemunho de Jesus é identificado com o dom de profecia (19:10). Os dons espirituais, incluindo o dom de profecia, devem ser encontrados entre o povo remanescente de Deus do tempo do fim. O dom de profecia foi poderosa e especificamente manifestado entre nós no ministério de Ellen G. White, mesmo se ainda antecipamos um cumprimento glorioso de Joel 2:28 e 29.

O remanescente é também caracterizado por ter a fé de Jesus (Apoc. 14:12), ou seja, por abraçar os ensinamentos de Jesus a partir de um compromisso de fé n'Ele. É da responsabilidade do povo de Deus do tempo do fim chamar o mundo de volta aos ensinamentos escriturísticos de Jesus e dos Seus apóstolos. Finalmente, o remanescente tem a paciência dos santos (14:12). "Paciência" aqui significa "resistência". No tempo em que o engano prevalece e a apostasia aparenta prevalecer, o remanescente resiste aos constantes ataques do inimigo e permanece comprometido com o seu amado Salvador.

A missão do Remanescente: Mas o remanescente tem também uma missão particular, e ela corresponde à missão do movimento Adventista (Apoc. 14:6-12). No centro da sua proclamação está o Evangelho eterno. Ele precisa de ser novamente ouvido neste findar do conflito, no contexto do juízo final. O remanescente chama os seres humanos a adorarem Deus, o Criador, e não o dragão e os seus aliados (14:7). É parte da sua missão proclamar que a apostasia do mundo cristão atingirá dimensões globais, mas que este não será capaz de efetuar a sal-

vação que promete. Ele irá, finalmente, colapsar sob o seu próprio peso de engano (14:8). O remanescente anuncia que aqueles que adoram a besta e que se identificam com a agenda que ela promove irão experimentar a derrota (14:9-11). Através do remanescente, Deus está a reunir o Seu povo de toda a tribo, povo e língua. As características indicadas atrás, bem como a missão que acabámos de discutir, definem quem nós somos e identificam o movimento Adventista como o histórico e fiel remanescente de Deus.

O Remanescente e a Igreja Cristã

O povo de Deus em Babilónia: Deus tem um povo na Babilónia simbólica e é nossa missão chamá-lo para fora dela para ser parte do remanescente de Deus do tempo do fim escatológico (18:4). Estes são Cristãos sinceros que servem o Senhor em diferentes denominações cristãs e, mesmo, entre as religiões do mundo. Eles são parte da Igreja de Cristo. No momento presente, eles não são um grupo visível; isto é, eles não possuem as características do remanescente, mas é plano de Deus trazê-los para fora da sua invisibilidade através da missão do Seu povo remanescente. Portanto, podemos sugerir que a plenitude da Igreja de Cristo é constituída por um povo remanescente visível e histórico, que tem características especiais, e também por crentes leais que ainda estão em Babilónia, no exílio. Eles precisam de ouvir a mensagem do remanescente, de modo a reafirmarem o seu compromisso com a verdade bíblica e a não serem enganados pelo dragão e pelos seus aliados.

A plenitude do Remanescente: Esta compreensão do remanes-

cente não deixa espaço para o exclusivismo. Dado que, no tempo presente, a Igreja é maior do que o remanescente, ele não pode proclamar um exclusivismo eclesialístico. Deus também está ativo fora do remanescente. Consequentemente, há salvação fora do remanescente – isto não é exclusivismo soteriológico. Como já foi indicado, a componente invisível da Igreja de Cristo, chamada por Jesus como sendo as "outras ovelhas que não são deste aprisco" (João 10:16), precisa de ouvir a mensagem do remanescente. Então, algo de maravilhoso e glorioso ocorrerá. À medida que o conflito cósmico chega ao fim, a expectativa escatológica da unidade e da plenitude da Igreja de Cristo será uma realidade. O remanescente e aqueles que saírem de Babilónia constituirão a plenitude do remanescente escatológico de Deus. O povo de Deus de toda a tribo, nação e língua "dará voz a um grande testemunho final ao mundo".³ As forças do mal "combaterão contra o Cordeiro e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados e eleitos e fiéis" (Apoc. 17:14). *Maranatha!* ✠

· Ángel Manuel Rodríguez

Diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica

1. Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*, 2 vols, New York, United Bible Societies, 1989, vol. 1, p. 613. Veja também Frederick William Danker, *A Greek-English Lexicon of the NT and Other Early Christian Literature*, Chicago, Chicago University Press, 2000, p. 602, que afirma que *loipos* refere-se "àquilo que resta, especialmente após ter sido tomada uma ação".

2. Para uma discussão detalhada consulte Ekkehardt Mueller, "The End-time Remnant in Revelation", *Journal of the Adventist Theological Society* 11, 2000, pp. 188 e 189.

3. Jon Paulien, "Eschatology and Adventist Self-Understanding", in *Lutheran and Adventist in Conversations: Report and Papers Presented 1994-1998*, Silver Spring, Md: General Conference of Seventh-day Adventists, 2000/Geneva, Switzerland: Lutheran World Federation, 2000, p. 237.

“Fricção” Científica

“O que a Ciência não pode descobrir”, disse-nos o filósofo Bertrand Russell, “a Humanidade não pode conhecer”. Esta declaração de Russell, que é uma asserção filosófica, e não científica (pelo que se refuta a si mesma), reflete a perspectiva geralmente conhecida como “Cientismo”. Esta é a tese de que a Ciência é o melhor, talvez mesmo o único, meio de chegarmos à verdade. Ou, como escreveu o biólogo evolucionista Austin L. Hughes num artigo intitulado “A loucura do Cientismo”, é a ideia, defendida por muitos cientistas, de que “a Ciência natural já constitui ou constituirá em breve todo o domínio da verdade”. E não são apenas os cientistas que pensam assim. Há cerca de um ano, eu falei numa reunião de obreiros. Quando perguntei: “Qual é o modo de conhecimento mais certo que temos?”, um homem respondeu: “A Ciência.” É fácil perceber por que razão as pessoas creem nesta ilusão (embora pudéssemos pensar que um obreiro Adventista fosse mais avisado). Afinal, pense no vasto domínio que a Ciência nos abriu. Da estrutura do átomo até à estrutura do Universo, ela está a dar-nos vislumbres da realidade (ou, pelo menos, da nossa experiência da realidade) que não recebemos de mais lado nenhum. Veja toda a nossa tecnologia, que é seguramente o fruto mais suculento apanhado da árvore do conhecimento científico.

No entanto, a Ciência é um entendimento muito mais subjetivo do que a maior parte das pessoas pensa. Por exemplo, o que dizer das muitas teorias científicas ou mesmo das suposições necessárias para se fazer Ciência – as quais foram, todas elas, uma vez consideradas certas – que foram postas à beira do caminho? Apenas na Física, muitas teorias e suposições que eram aceites no começo do século XX como inquestionáveis nunca chegaram ao século XXI. Antes do século XX, a Ciência ensinava que o Universo era eterno. Essa crença desapareceu. Antes do século XX, a Ciência ensinava que o Universo estava estático. Já não é assim. Antes do século XX, a Ciência ensinava que o tempo e o espaço eram absolutos. Já não é assim, graças às descobertas da mente de Albert Einstein. Antes do século XX, a Ciência ensinava que o Universo era determinístico. O “determinismo” é a ideia de que o curso futuro dos eventos físicos, mesmo ao nível mais pequeno, é fixado por causas passadas. O determinismo era uma suposição essencial da Ciência, no entanto passadas poucas décadas do século XX, esta suposição desapareceu. Outra suposição fundamental era a natureza contínua do processo físico, isto é, a tese de que todas as mudanças no mundo físico, por maiores que sejam, podiam ser analisadas em termos de uma sequência contínua de pequenas mudanças. Esta suposição também desapareceu. Antes do século XX, era suposto que o estado físico de qualquer siste-

ma compósito nada mais era do que a soma das suas partes. Esta perspectiva, tão fundamental que nunca foi reconhecida como um suposto até ser questionada pela mecânica quântica, também não chegou ao ano 2000. Assim, não admira que Alfred North Whitehead (1861-1947) pudesse escrever: “Há 57 anos eu era um jovem na Universidade de Cambridge. Homens brilhantes ensinaram-me Ciência e Matemática e eu saí-me bem nessas disciplinas; desde a passagem do século, eu tenho vivido o suficiente para ver cada uma das suposições básicas serem postas de lado. E, no entanto, os descobridores de novas hipóteses científicas estão a declarar: 'Agora, finalmente, temos certezas!'” Suposições *básicas* postas de lado? Isto leva a uma fraqueza insuperável da Ciência – a certeza (ou incerteza) das suas premissas. A Ciência, como todas as práticas epistemológicas, deve realizar-se a partir de supostos. Mas como se pode validar o que se é obrigado a pressupor? Isto é particularmente problemático porque, no nível mais fundamental, os supostos científicos são, essencialmente, filosóficos. E quando eles são derrubados, uma grande parte da Ciência que fora tida por correta é derrubada com eles. “As teorias que atualmente defendemos serem verdadeiras”, disse Steven Goldman, filósofo da Ciência, “serão provavelmente consideradas falsas nos próximos 100 anos, como aconteceu com as teorias que foram tornadas falsas nos últimos 100 anos”. É certo que a Ciência nos ensina muito sobre o mundo (ou, pelo menos, sobre como experimentamos o mundo). Mas a ideia de que ela é o árbitro decisivo da verdade é uma pretensão filosófica, não científica – e ainda por cima uma pretensão sem fundamento. ✦

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina



Os braços levantados de Moisés

É is uma daquelas histórias que conhecemos desde os primeiros anos de vida e que não nos cansamos de rever pela sua espectacularidade. Trata-se do episódio da história de Israel, extremamente interessante pelos seus elementos curiosos, relatado em Êxodo 17:8-16. De repente, os Amalequitas – um povo que, por acaso, até partilhava raízes genealógicas com Israel (veja-se Gén. 36:12) – atacaram o povo de Deus. O grande líder, Moisés, convocou de imediato Josué, para que escolhesse e dirigisse os homens para a batalha. Josué assim fez e Moisés subiu rapidamente ao cimo de um monte, juntamente com outros dois importantes dirigentes: Arão e Hur. A batalha começa e os homens de Israel dão o seu máximo para levar a melhor. E é precisamente a partir desse momento

que começa também a acontecer algo interessante. Durante o tempo que Moisés levantava os braços, Israel parecia estar prestes a vencer a batalha; mas sempre que os seus braços baixavam, era a nação adversária que parecia vencer. Podendo ter mais do que um significado, este levantar de braços é uma clara alusão à atitude do crente em oração. As mais importantes conquistas da vida de um Cristão surgem quando as mãos estão voltadas para o Céu. É quando aceitamos que “a oração é a respiração da alma” e que ela “é o segredo do poder espiritual” (Ellen White, *Mensagens aos Jovens*, CPB, p. 249), que passamos a viver uma vida plena, uma vida abundante de conquistas espirituais.

Contudo, levanta-se uma pergunta intrigante neste momento: Se quando as mãos estavam erguidas, o povo vencia, porque é

que Moisés não permaneceu todo o tempo de braços levantados? Aqueles que “lutam com Deus” em oração, os que oram incessantemente pedindo intervenção divina, sabem como, por vezes, a fadiga se torna grande e o cansaço traz os nossos braços para baixo. Quem sabe se não é precisamente isto que acontece com aquele pai que tem orado ao longo de décadas para que o seu filho volte para a Igreja; com aquela mulher que pede ao Senhor que converta o coração do seu esposo; com aquela jovem que tem pedido a Deus um rapaz fiel com quem se unir. Por vezes, começamos a ficar cansados, desanimados, porque o tempo passa e a resposta que nós tanto aguardamos tarda em chegar.

Os braços de Moisés caíam. Arão e Hur entenderam o que se passava e agiram rapidamente. Sentaram Moisés numa pedra e

“sustentaram as suas mãos, um de uma banda, e o outro da outra; assim ficaram as suas mãos firmes, até que o sol se pôs” (Êxodo 17:12). É realmente necessário parar neste ponto e notar que existe aqui uma importante lição espiritual para cada crente. Atente bem nisto: Ajudar a firmar as mãos do meu irmão em direção aos Céus é um privilégio, mas é também uma responsabilidade. Não é que Deus não atendesse a petição de Moisés enquanto ele empreendia este esforço sozinho. Mas quão mais fácil se tornou esta tarefa quando dois dos seus amigos mais próximos o auxiliaram.

É comum ouvirmos falar na “oração de intercessão”. E aqui vemos com clareza esta ideia posta em prática: Dois amigos ajudando um homem fatigado e já com poucas forças para continuar. De forma mais abrangente, entendemos aqui também o segredo da existência da comunidade de crentes. O sucesso de uma igreja não está depositado apenas nas mãos do Pastor. Cada membro precisa de sentir a sua responsabilidade e entender que necessita de ser como Arão, como Hur, ajudando outros a erguerem as suas mãos em oração ao Senhor. Em certa medida, isso é exatamente o cumprimento daquilo que o apóstolo Paulo dizia aos Gálatas: “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gálatas 6:2).

Eis que, por fim, o inimigo de Israel foi derrotado. E imagino que, de imediato, Josué e os seus homens começaram a festejar euforicamente a grande vitória. Neste momento, Deus pede duas coisas a Moisés. “Então disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué” (Êxodo 17:14).

O ORGULHO ESPIRITUAL É UM PROBLEMA QUE NÃO PODE SER IGNORADO.

Primeira tarefa: Escrever para memória futura. Por norma, nós somos muito esquecidos, não é verdade? Quando toca a momentos de vitória e a conquistas espirituais, esquecemos com facilidade. O povo de Israel é um exemplo notório disso mesmo. Tão rapidamente como atravessou o Mar Vermelho em terra seca, esqueceu-se da grandiosidade desse feito e quis voltar para a escravidão do Egito. Vendo todos os dias o milagre do maná, as murmurações não paravam. Creio que conosco se passa a mesma coisa. Deus realiza um feito extraordinário na minha vida, algo verdadeiramente miraculoso. Então a minha primeira reação é a de gratidão e de submissão a esse Deus extraordinário. Mas com o passar do tempo, este momento de júbilo espiritual vai perdendo força, até que chega o momento em que são poucas as vezes que me recordo dele. É por isso que, hoje, Deus quer pedir-nos que não esqueçamos o que Ele tem feito na nossa vida! “Nada temos que rezear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado” (Ellen White, *Conselhos para a Igreja*, CPB, p. 368).

A segunda coisa que Deus pediu a Moisés foi que contasse a Josué o que acontecera. Tenho-me perguntado se Josué não terá achado estranha esta alternância entre vitória e derrota frente aos Amalequitas. Ora estavam a ganhar, ora passavam a perder. Sendo esta situação estranha ou não, no final a vitória chegou, e seria muito fácil para Josué pen-

sar que a vitória resultara da sua inteligência, coragem e estratégia militar. Ele não fazia ideia do que se tinha passado no monte. Por esse motivo, Deus quer que Josué entenda o que esteve por detrás da vitória. Ela não teve nada que ver com feitos humanos, teve sim a ver com a misericórdia divina. O orgulho espiritual é um problema que não pode ser ignorado. O problema que reside em olhar para vitórias espirituais e pensar no mérito que eu tive em alcançá-las é um problema de grandes dimensões. Seja porque um vício foi vencido, seja porque ajudei um amigo de forma altruísta ou seja ainda porque preguei um belo sermão... Devo colocar-me constantemente no meu devido lugar, recordando-me das palavras d'Aquele que disse: “Sem mim, nada podeis fazer” (João 15:5).

Meditando nesta história, preciso então de refletir sobre três importantes questões. Primeira, tenho levantado as mãos para o Céu com a frequência suficiente? Tenho experimentado uma vida de verdadeira comunhão com Deus? Segunda, tenho procurado ajudar outros a firmar as suas mãos? Ou seja, tenho-me dedicado a interceder por outros ou as minhas orações têm sido egoístas? Terceira, tenho recordado os grandes feitos que Deus tem operado na minha vida e dado toda a glória ao “Autor e Consumador da minha fé”? A estas perguntas cabe ao Leitor responder. ✦

• **Bruno Silva**
Enfermeiro

“E abriram-se os livros”

Perspetivas sobre o juízo pré-Advento

“**E**u continuei olhando, até que foram postos uns tronos e um ancião de dias se assentou: o seu vestido era branco como a neve e o cabelo da sua cabeça como a limpa lâ; o seu trono chamava de fogo e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele: milhares de milhares o serviam e milhões de milhões estavam diante dele: assentou-se o juízo e abriram-se os livros” (Daniel 7:9 e 10).¹

Os Adventistas do Sétimo Dia não foram os primeiros, mas hoje são os únicos que ensinam existir um juízo pré-Advento. No início da década de 1840, Josiah Litch, um teólogo Metodista e o mais influente Milerita, ensinava que “o ato divino de ressuscitar algumas pessoas para a vida e outras para a morte na Segunda Vinda constitui um 'juízo executivo' que deve necessariamente ser precedi-

do por um 'juízo’”.² Ele ligou este julgamento à cena de juízo de Daniel 7, sugerindo para o seu início a data de 1798, que encerrava os 1260 dias. Por volta de 1844, muitos Mileritas acreditavam que o juízo já tinha começado.

Outros comentadores no passado reconheceram que o juízo em Daniel 7 não representa o juízo final. O escritor Católico Romano Friedrich Dusterwald, por exemplo, escreveu: “Não há dúvida de que o profeta Daniel descreve aqui o juízo de Deus sobre os poderes hostis. O juízo termina com a condenação total dos impérios mundiais e o triunfo da causa de Deus. No entanto, o que aqui é descrito não é o juízo de Deus aqui na Terra, como muitos antigos intérpretes (Teodoreto e outros) supuseram; em vez disso, o lugar do juízo é no Céu. O contexto indica que é um juízo preliminar, que é mais tarde confirmado no julgamento geral do mundo.”³

O intérprete Protestante Thomas Robinson localizava o momento temporal deste juízo no século XIX quando escreveu o seu comentário sobre Daniel. Ele acreditava que o juízo em Daniel 7 “não é o juízo geral no fim do reino de Cristo sobre a Terra, ou, como se diz comumente, no fim do mundo. Parece, antes, ser um



juízo invisível realizado por detrás do véu e revelado pelos seus efeitos e pela execução da sua sentença. Sendo ocasionado pelas grandes palavras da ponta pequena e sendo seguido pela retirada do respetivo domínio, parece já ter começado. No entanto, dado que a sentença ainda não foi, de modo algum, plenamente executada, esse julgamento pode estar a decorrer agora mesmo”⁴.

Estes comentadores viram o juízo de Daniel 7 como um juízo sobre a ponta pequena, e não sobre os santos, como veem os Adventistas do Sétimo Dia.

O conceito do juízo investigativo nas Escrituras

Os nossos críticos sustentam que o juízo pré-Advento serviu simplesmente como um modo de

salvar a face após o Grande Desapontamento de 1844.⁵ No entanto, o conceito de uma investigação anterior ao pronunciamento de uma sentença judicial pode ser encontrado por toda a Bíblia. Logo a partir do modo como Deus lidou com os pecadores em Gé-

nesis 3, surge um padrão de procedimento judicial. Primeiro há uma investigação: *Onde estás? Quem te disse? Comeste do fruto da árvore?* (Gén. 3:9-13). A seguir a esta investigação, Deus anuncia o veredito nos versículos 14-19.

Encontramos uma situação semelhante no modo como Deus lidou com Caím (Gén. 4:9 e 10) e no modo como lidou com Sodoma e Gomorra. A maior parte de Génesis 18 e 19 descreve as investigações e deliberações de Deus que antecedem o Seu ato punitivo. É significativo que o Novo Testamento conceba o juízo sobre Sodoma e Gomorra como um exemplo, um tipo, do juízo realizado por Deus no fim do tempo (II Ped. 2:6; Judas 7).

Nos escritos proféticos do Velho Testamento, Israel ou as na-



ções são trazidas perante a sede do juízo de Deus, é feita uma investigação, são apresentados os factos, são chamadas testemunhas, e finalmente é pronunciado um veredito (e. g., Isa. 5:1-7; 43:8-13, 22-28). A sequência é sempre a mesma: pecado, investigação e juízo.⁶

O conceito de um juízo investigativo pré-Advento também aparece no Novo Testamento. A parábola das bodas (Mat. 22) é um excelente exemplo. “E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com o vestido de núpcias” (v. 11). A inspeção dos convidados realizada pelo rei representa um processo de investigação. O resultado desta investigação determinou quais os convidados que poderiam permanecer na festa e quais não poderiam. Neste sentido, isto revela uma imagem do juízo investigativo pré-Advento que está a ocorrer no Céu agora mesmo.

Outros textos do Novo Testamento que pressupõem um juízo pré-Advento são João 5:28 e 29 e Apocalipse 20:4-6. A passagem do Evangelho menciona uma ressurreição para a vida e uma ressurreição para a condenação. A maioria dos exegetas bíblicos concorda que Apocalipse 20 ensina a existência de duas ressurreições dos mortos, separadas por mil anos. Dado que apenas os “benditos e santos” se erguem na primeira

ressurreição, deve ter ocorrido um juízo prévio para determinar quem irá tomar parte na primeira ressurreição.

O teólogo Luterano Joseph A. Seiss reconhece isto no seu livro sobre o Apocalipse: “A ressurreição e as mudanças que ocorrem 'num abrir e fechar de olhos' nos vivos são elas mesmas os frutos e os resultados de um juízo antecedente. Elas são as consequências de sentenças anteriores. Falando estritamente, os homens não são ressuscitados nem transladados de modo a virem a juízo. As ressurreições e as transladações são o resultado de um juízo previamente aplicado aos mortos, enquanto mortos, e aos vivos, enquanto vivos. 'Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro' porque eles já foram julgados como estando em Cristo, e os santos vivos são arrebatados juntamente com eles nas nuvens porque eles já foram julgados como sendo santos e merecedores de alcançar aquele novo mundo.”⁷

Em Apocalipse 14, a colheita da Terra (vv. 14-20) é precedida pela mensagem do primeiro anjo, “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo” (v. 7). A sequência dos eventos retratada neste capítulo indica claramente que o juízo de que se fala no versículo 7 precede a execução do juízo no Segundo

Advento de Cristo descrita nos versículos 14-20.⁸

Assim, por toda a Bíblia nós encontramos o conceito de um juízo investigativo.

O juízo em Daniel 7

Daniel 7 consiste essencialmente numa visão, na sua interpretação e na reacção do profeta à visão, tudo isto enquadrado por um prólogo (vv. 1 e 2a) e por um epílogo (v. 28). A visão (vv. 2-14) descreve quatro bestas, focando-se na quarta besta que tem dez pontas e da qual surge a ponta pequena.

Esta ponta pequena torna-se no principal opositor do “Altíssimo” e dos santos no resto do capítulo. Enquanto as atividades da ponta pequena continuam aqui na Terra, a atenção de Daniel é atraída para uma cena de juízo celestial (vv. 9-14) que culmina na condenação da ponta pequena, na justificação dos santos e na entrega do domínio, da glória e do reino ao “semelhante ao Filho do homem”.⁹

Devemos reconhecer a importância do facto de que este juízo decorre enquanto a ponta pequena permanece ativa na Terra. No fim do versículo 8, Daniel ouve as palavras pomposas da ponta pequena e a sua atenção é desviada para a cena do juízo celestial (vv. 9 e 10). Mas, após descrever a cena de juízo, a atenção de Daniel é novamente captada pelas grandes palavras

| | DANIEL 2 | DANIEL 7 |
|---------------------------|--|--|
| BABILÓNIA | Cabeça de ouro | Leão |
| MEDO-PÉRSIA | Peito de prata | Urso (Um ombro mais alto.) |
| GRÉCIA | Coxas de bronze | Leopardo com quatro cabeças |
| IMPÉRIO ROMANO | Pernas de ferro | Besta terrível |
| EUROPA COMO ROMA DIVIDIDA | Pés e dedos de ferro e barro (A extensão do ferro romano das pernas aos pés simboliza a continuação dos conceitos romanos característicos.) | Dez pontas IGREJA ROMANA Ponta pequena (Persegue os santos; fala contra Deus.) |



| | DANIEL 2 | DANIEL 7 |
|---------------------------|--|--|
| BABILÓNIA | Cabeça de ouro | Leão |
| MEDO-PÉRSIA | Peito de prata | Urso (Um ombro mais alto.) |
| GRÉCIA | Coxas de bronze | Leopardo com quatro cabeças |
| IMPÉRIO ROMANO | Pernas de ferro | Besta terrível |
| EUROPA COMO ROMA DIVIDIDA | Pés e dedos de ferro e barro (A extensão do ferro romano das pernas aos pés simboliza a continuação dos conceitos romanos característicos.) | Dez pontas IGREJA ROMANA Ponta pequena (Persegue os santos; fala contra Deus.) |
| COMEÇA O JUÍZO | | O Filho do homem vem ao Ancião de dias |
| NOVO REINO | A pedra torna-se numa montanha | O Filho do homem dá o domínio aos santos |

que a ponta pequena profere (v. 11). Por outras palavras, enquanto Daniel estava a contemplar o tribunal celestial, este discurso em que se proferiram grandes palavras ocorreu aqui na Terra.

O tempo do juízo

Há três passagens em Daniel 7 que se referem especificamente ao juízo:

- Daniel 7:10: “Assentou-se o juízo e abriram-se os livros.”
- Daniel 7:22: “Até que veio o Ancião de Dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo.”
- Daniel 7:26: “Mas o juízo se estabelecerá.”

Para sabermos quando este tribunal exercerá funções, temos de perceber a sequência dos poderes simbolizados pelos quatro animais.

No centro desta visão está a ponta pequena; 7 dos 28 versículos referem-se à ponta pequena. O contexto indica que a ponta pequena é um poder religioso.

- Daniel 7:24: “será diferente dos primeiros.”
- Daniel 7:25: “E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei.”

Embora este poder seja religioso, ele afastou-se da verdade de Deus e é a realização histórica da nossa tendência humana pecaminosa para nos afastarmos de Deus. Paulo predisse um afastamento da verdadeira fé: “Porque eu sei isto, que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão

ao rebanho; e que, de entre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si” (Atos 20:29 e 30).

Desde o primeiro século, vemos que a Igreja teve de lutar contra tais homens. No quarto século, quando a Igreja Cristã se tornou na Igreja do Estado, instalou-se rapidamente a apostasia. Costumes pagãos, como a observância do domingo, foram aceites e, por volta do sexto século, a Igreja do Estado tinha-se tornado na ponta pequena da profecia.

Do século VI até ao final do século XVIII, por mais de 12 séculos (1260 anos, segundo Daniel 7:25), a Igreja dominou a vida e o pensamento das pessoas. Nenhum outro poder da História se ajus-



| | |
|-----------------|---------------|
| Daniel 7:8 | Ponta pequena |
| Daniel 7:9 e 10 | Juízo |
| Daniel 7:21 | Ponta pequena |
| Daniel 7:22 | Juízo |
| Daniel 7:25 | Ponta pequena |
| Daniel 7:26 | Juízo |

ta à descrição da ponta pequena, a não ser o Papado. Em Daniel 7:25 e 26 é-nos dito: “E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e metade de um tempo. Mas o juízo estabelecer-se-á, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer, até ao fim.” Depois dos 1260 anos, o juízo será realizado.

Daniel 2 dá-nos uma panorâmica geral; Daniel 7 fornece mais detalhes ao introduzir a ponta pequena. Dado que os reinos estão em sequência – um seguindo o outro –, o juízo mencionado nos versículos 9 e 10, 22, 26 deve seguir o período da ponta pequena que sempre aparece nos textos antes das passagens sobre o juízo nos versículos 8, 21, 25.

Os poderes terrestres são dados em sequência histórica; portanto, o juízo deve também ser parte desta sequência histórica.

Quem está a ser julgado?

Nesta cena de julgamento, são abertos e estudados certos livros (v. 10). No Antigo Testamento, nós encontramos referências ao “livro da vida” (Sal. 69:28), ao “livro da memória” (Mal. 3:16) e ao “livro” de Deus (Êxo. 32:32; Sal. 56:8). O mesmo pensamento ocorre na literatura do Judaísmo

posterior e no Novo Testamento (e. g., I Enoch 47:3; Fil. 4:3; Apoc. 3:5; 20:12; 21:27). A questão importante que se coloca é: Quem está a ser julgado a partir dos dados registados nestes livros? Considerando o contexto, concluímos que este julgamento inclui:

1. O povo de Deus. Dado que “um juízo foi feito em favor dos santos do Altíssimo” (Dan. 7:22), eles devem ser, de algum modo, os arguidos deste juízo. Este facto não é reconhecido fora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, embora isto não nos deva surpreender. Dado que a maioria dos Cristãos acredita na imortalidade da alma, eles creem que o futuro estado de uma pessoa é decidido no momento em que ela morre. Portanto, um juízo pré-Advento, em que é tomada uma decisão final sobre se a pessoa é salva ou não, não faz sentido para eles. Eles veem os mortos como estando já no Céu ou no Inferno (ou no Purgatório, para os Católicos). Assim, em geral, os Cristãos não têm lugar para um juízo pré-Advento, embora o contexto de Daniel 7 claramente o exija.

2. A ponta pequena. O contexto da cena de juízo refere-se repetidamente à ponta pequena (vv. 8, 11); portanto, o juízo deve, de algum modo, envolver a ponta pequena. “A evidência contextual interna sugere que os santos e a ponta pequena partilham o veredito do juízo pré-Advento.”¹⁰ Os santos recebem o reino (v. 27) e o domínio da ponta pequena é-lhe retirado. Assim, a justificação dos santos (v. 22) implica a condenação da ponta pequena.

O propósito do juízo pré-Advento

Na verdade, o juízo pré-Advento é o primeiro de quatro julga-

mentos cósmicos apresentados nas Escrituras:

1. O juízo pré-Advento ou investigativo (de 1844 até ao Segundo Advento).
2. O juízo executivo na Segunda Vinda de Jesus (Mat. 25).
3. O juízo investigativo sobre os ímpios durante o milénio (Apoc. 20:4-6).
4. O juízo executivo depois do milénio perante o grande trono branco (Apoc. 20:11-15).

Pode-se pensar nas diferentes cenas de juízo como sendo diferentes fases do juízo final de Deus. Com a última destas fases, o Plano da Salvação é encerrado. Cada uma destas fases tem o seu foco especial:

1. No juízo pré-Advento: Deus mostra porque são salvos os justos.
2. No primeiro juízo executivo: Os justos mortos e os santos vivos são salvos.
3. No juízo durante o milénio: Deus mostra as razões por que os ímpios estão perdidos.
4. No segundo juízo executivo: Os ímpios e Satanás são destruídos.

O principal propósito do juízo investigativo pré-Advento é apresentar a confirmação final da salvação e da justificação do povo de Deus (Dan. 7:22). “De tempos a tempos alguns destes santos foram julgados culpados de vários crimes por tribunais terrestres quando, na verdade, eles estavam a servir fielmente Deus e a Humanidade. No juízo pré-Advento estas sentenças injustas procedentes de tribunais terrestres serão revertidas pelo tribunal do Céu. Deste modo, Deus irá justificar os Seus santos.”¹¹

Para além da justificação dos santos e da condenação da ponta pequena, o juízo pré-Advento

também confirma a justiça de Deus no Seu modo de lidar com a Humanidade. Quando os seres não caídos do Universo examinarem os registos dos santos durante o juízo pré-Advento, eles concluirão que, de facto, Deus foi justo e misericordioso em cada caso. Deste modo, o carácter de Deus, que tem estado no centro do Grande Conflito entre Cristo e Satanás, será justificado.¹²

O que acontece no juízo pré-Advento?

Uma imagem do que ocorre no juízo pré-Advento pode ser obtida da cena retratada pelo profeta Zacarias. Esta cena acontece no tribunal celeste. Josué, o Sumo-Sacerdote, “estava diante do Anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor. Mas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo? Ora Josué, vestido de vestidos sujos, estava diante do anjo. Então, falando, ordenou aos que estavam diante dele, dizendo: Tirai-lhe estes vestidos sujos. E a ele lhe disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos. E disse eu: Ponham-lhe uma mitra limpa sobre a sua cabeça. E puseram uma mitra limpa sobre a sua cabeça, e o vestiram de vestidos: e o anjo do Senhor estava ali” (Zac. 3:1-5).

A partir desta descrição, tente obter uma imagem do que ocorre no juízo pré-Advento. Satanás apresenta-se perante o trono de Deus e lança a sua acusação: “O irmão X é um grande pecador, não o podes aceitar como justo.” Satanás mostra a Jesus uma longa lista de pecados de X. Jesus responde: “Eu sei que ele é um

grande pecador, mas Eu perdoei-o. Apaguem os seus pecados. Eu morri por ele; deem-lhe uma veste limpa.” Assim, o juízo emite uma sentença favorável a X.

É isto que Jesus faz por todos os que O aceitam como seu Salvador pessoal. Se o aceitámos como nosso Salvador pessoal, então o juízo é uma boa notícia para nós, porque “agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito” (Rom. 8:1). ✦

• Gerhard Pfandl
Teólogo

1. Todos os textos bíblicos são da tradução Almeida Revista e Corrigida.

2. Josiah Litch, *Prophetic Expositions*, vol. 1, Boston, MA: Joshua V. Himes, 1842, p. 49.

3. Friedrich Dusterwald, *Die Weltreiche und das Gottesreich*, Freiburg: Herdersche Verlagbuchhandlung, 1890, p. 177. A tradução é feita por mim.

4. Thomas Robinson, Daniel, *Homiletical Commentary*, vol. 19, New York: Funk and Wagnalls, 1892, p. 139. Do mesmo modo, Samuel P. Tregelles, *Remarks on the Prophetic Visions in the Book of Daniel*, 8th ed., Chelmsford: Sovereign Grace Advent Testimony, n. d., pp. 36-38.

5. Walter Martin, *The Kingdom of the Cults*, Minneapolis, MN: Bethany House, 1985, p. 479.

6. Para outros exemplos de juízos investigativos no Antigo Testamento, veja-se Whilliam H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation*, rev. ed., Daniel and Revelation Committee Series, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992, pp. 1-29; Eric Livingstone, “Investigative Judgement: A Scriptural Concept”, *Ministry*, abril 1992, pp. 12-14.

7. Joseph A. Seiss, *The Apocalypse*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1973, p. 136.

8. Outros exemplos encontram-se em Samuel Bacchiocchi, “The pre-Advent Judgement in the New Testament”, *Adventists Affirm*, outono 1994, pp. 37-44.

9. Sobre a identidade do “Filho do homem” veja Arthur J. Ferch, *The Son of Man in Daniel Seven*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertations Series, vol. 7, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1979.

10. Norma Gulley, *Christ's Coming!* Hagertown, MD: Review and Herald, 1998, p. 413. Veja também Arthur J. Ferch, “The Pre-Advent Judgment: Is it Scriptural?” *Australasian Record*, 28 de agosto de 1982, pp. 5-7.

11. William H. Shea, “Theological Importance of the Preadvent Judgment” in *70 Weeks, Leviticus, Nature of Prophecy*, ed. Frank B. Holbrook, Washington DC: Biblical Research Institute, 1986, p. 328.

12. Por causa dos desafios à doutrina do santuário na década de 1980, a Conferência Geral estabeleceu um comité composto pelos nossos melhores académicos para estudar a questão do juízo pré-Advento e a nossa interpretação da profecia apocalíptica. O Comité de Daniel e Apocalipse, como foi designado, estudou o assunto durante dez anos e, entre 1982 e 1992, publicou sete volumes que respondiam às questões levantadas pelos críticos.

30 000 BATISMOS EM RESULTADO DE UMA CAMPANHA EVANGELÍSTICA NO ZIMBABUÉ

ANN/RA

Milhares de pessoas foram batizadas no Zimbabué como resultado de uma das maiores iniciativas evangelísticas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, resultado da coordenação de esforços de muitos ministérios, onde se incluem a ADRA, a ASI, *Light Bearers* e *Share Him*. Cálculos preliminares indicam que foi cumprido o alvo de batizar 30 000 pessoas durante a campanha evangelística com a duração de duas semanas. O Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ted Wilson, falando em Chitungwiza, um dos 914 locais em que decorreram as reuniões, declarou que os verdadeiros heróis foram os membros de Igreja que foram de porta em porta oferecendo estudos bíblicos. “O que vocês fizeram aqui em Chitungwiza é incrível”, disse Wilson a mais de 1000 pessoas reunidas para participarem nos serviços de Sábado. Mais de 1000 membros de Igreja penetraram em Chitungwiza, uma cidade situada na vizinhança de Harare, a capital do Zimbabué, vindos dos arredores. Durante o mês de maio, eles foram de porta em porta, oferecendo as lições do curso “Voz da

Profecia”. Como resultado deste esforço, 5043 pessoas completaram o curso. Ainda não se sabe quantas destas pessoas foram batizadas, mas cerca de três quartos das 1085 pessoas batizadas em Chitungwiza em 28 de maio tinham completado o curso. Esta estratégia foi replicada em muitas outras cidades e vilas do país. Além disso, os membros da Igreja implementaram cerca de 5000 pequenos grupos alguns meses antes da campanha evangelística, sendo os participantes convidados a assistir à campanha. Esta campanha de duas semanas captou a atenção de toda a nação. Entre as ações que chamaram mais a atenção da opinião pública do Zimbabué conta-se a clínica gratuita organizada pela Igreja em Chitungwiza, que prestou cuidados de saúde a 34 100 pessoas. Os doentes vieram de locais situados a centenas de quilômetros da cidade. Muitos destes doentes estiveram depois entre as 20 000 pessoas que assistiram à pregação de Ted Wilson na cidade. Esta clínica gratuita foi apenas um exemplo do modo como a Igreja Adventista do Sétimo Dia procurou cuidar das necessidades físicas e espirituais do povo do Zimbabué durante a campanha evan-



gelística. Outro exemplo foi a abertura de 12 poços para fornecimento de água realizada pela ADRA, também em Chitungwiza. Na sexta-feira, 29 de maio, a Igreja Adventista do Sétimo Dia entregou ao governo da nação uma ala do Hospital Central de Harare totalmente renovada, financiada pela ASI. Esta ala hospitalar não tinha sido renovada desde a fundação do hospital em 1958. Esta campanha evangelística com a duração de duas semanas não mudou apenas a vida dos cidadãos do Zimbabué. Cerca de 30 jovens da Associação do Arkansas-Louisiana (Estados Unidos da América) estiveram entre 77 oradores provenientes de países estrangeiros, ao abrigo da organização Adventista *Share Him*. Ted Wilson terminou a campanha com uma viagem entre três cidades. Primeiro pregou perante 35 000 pessoas em Chitungwiza, tendo depois falado a uma audiência de 20 000 pessoas em Gweru e a uma multidão de 50 000 pessoas em Bulawayo. Ele falou acerca das razões que o levaram a escolher ser Adventista. Também estimulou os seus ouvintes a seguirem

um estilo de vida saudável. O Vice-Presidente do Zimbabué, Phelekezela Mphoko, esteve presente no estádio em Bulawayo e encontrou-se com Ted Wilson em privado. Wilson informou Mphoko, que é Adventista do Sétimo Dia, sobre as atividades evangelísticas desenvolvidas pela Igreja Adventista no Zimbabué durante o mês de maio. Embora esta cam-



panha evangelística no Zimbabué seja já um marco na atuação da nossa Igreja em África, é apenas o começo do esforço de evangelização empreendido pela Divisão Sul África-Oceano Índico. Segundo o presidente da Divisão, Paul Ratsara: “Isto não é o fim. Este é apenas o início do nosso esforço de levar Cristo aos povos da nossa Divisão.”





INAUGURADA A PRIMEIRA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM ANDORRA

ANN/RA

A primeira igreja Adventista do Sétimo Dia em Andorra foi inaugurada no dia 9 de maio de 2015. Durante mais de 40 anos foram feitos esforços para estabelecer uma igreja no Principado de Andorra, um pequeníssimo país situado no meio das montanhas dos Pirenéus, situado entre a Espanha e a França. As orações e o trabalho de algumas famílias Adventistas dedicadas

que vivem em Andorra e em Espanha resultaram no estabelecimento da Associação Cristã Adventista de Andorra. O singular governo de Andorra existe desde 1269 d.C., como resultado dos Acordos de *Pareatge*. O país tem dois chefes de Estado ou copríncipes. Um é o Presidente de França e o outro é o Bispo de Urgell (na Catalunha, Espanha). Embora ambos os príncipes reinem e orientem as relações externas da nação, nenhum deles realmente governa. A Cons-

tituição de Andorra proíbe a discriminação por razões religiosas e defende a liberdade de culto e de religião, mas há nela uma proteção especial para a Igreja Católica Apostólica Romana, enquanto religião tradicional da nação. Percebe-se assim que a primeira igreja Adventista de Andorra tenha sido registada como uma “Associação”. A Associação Cristã Adventista de Andorra foi oficialmente registada e reconhecida pelas autoridades locais, que a ajudaram

a constituir-se segundo os requisitos legais da legislação do Principado. Depois de constituída a Associação, os seus membros foram autorizados a abrir um local de culto. O Pr. Jesus Calvo, presidente da União Espanhola, esteve presente na inauguração da igreja, pois Andorra faz parte do território da referida União. O Pastor da nova igreja, Pr. Daniel Posse, esteve também presente. A igreja de Andorra acolhe presentemente 25 membros. ✂

CENTRO DE INFLUÊNCIA ADVENTISTA É INAUGURADO NO CORAÇÃO DA MAIOR METRÓPOLE BRASILEIRA

Ad7/RA

Uma área movimentada de São Paulo recebe a Base Génesis, um espaço multiétnico que unirá projetos sociais e a pregação do Evangelho. A Praça da Sé, localizada no coração da maior metrópole brasileira, torna-se palco de um dos mais importantes projetos de missão urbana na cidade de São Paulo. Recentemente, começou a funcionar na região um centro de influência Adventista que irá unir iniciativas de desenvolvimento humano e a pregação do Evangelho. A chamada Base Génesis foi inaugurada no sábado, 9 de maio, com a presença do presidente mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Pastor Ted Wilson, e de líderes da organização na América do Sul e no Estado de São Paulo. No centro da diversidade cultural da capital paulista, o projeto começa

por acolher 16 grupos étnicos e tribos urbanas, segundo Wallyson Santos, coordenador do centro de influência. Este projeto torna-se possível com a ajuda de voluntários como Gonçalves Timanga Txissuale. O angolano, que reside no Brasil há 25 anos, viu neste projeto a oportunidade que esperava para evangelizar as comunidades africanas. “Há sete anos que alimento este sonho, pois tenho encontrado muitos africanos no Brasil, não só Angolanos, mas também Niguerianos, Senegaleses, Camaroneses e Sul-africanos”, afirma. A Base Génesis pretende também influenciar imigrantes Asiáticos e Hispânicos, especialmente os Bolivianos, que formam a segunda maior colônia de estrangeiros na cidade de São Paulo, com uma população de meio milhão de pessoas. Outro foco das atenções é a comunidade árabe no Brasil. A proximidade da Praça da Sé com a Rua 25 de

março, que concentra o maior centro comercial da América Latina e é um dos principais pontos turísticos da capital, torna a Base Génesis num ponto estratégico para o contacto com esta cultura. A rua, que surgiu no século XIX, quando imigrantes árabes abriram as primeiras lojas no local, continua a ser um refúgio para comerciantes sírios e libaneses. No espaço multiétnico, as sextas-feiras estão reservadas para receber estes comerciantes e também refugiados árabes que dese-

jam recomeçar a sua vida no Brasil. “Nas sextas-feiras à tarde, a Base vai tornar-se num centro de cultura árabe. Eles vão confraternizar entre eles e conhecer-nos melhor também”, refere Wallyson, que já trabalhou com refugiados no Iraque. Segundo ele, os primeiros contactos já começam a ser feitos. “Em janeiro de 2015, conheci um rapaz no Iraque e ele falou-me de um amigo que tinha vindo para o Brasil. Ao voltar para cá, entrei em contacto com essa pessoa, que, atu-



almente, é comerciante na Rua 25 de março. Perguntei como via o Brasil e ele disse-me que o via como um novo começo. Então procurei saber como poderíamos ajudá-lo na sua nova vida no Brasil e ele respondeu que a sua esposa ainda não falava Português. Então convidei-o para a Base Génesis, dizendo que ali ela teria a oportunidade de aprender a língua”, contou Wallyson. As formas de abordagem serão diversificadas, desde cursos de formação profissional até aulas de idiomas. “Para os imigrantes, vamos ter cursos de Português. Além disso, pensando nas pessoas que trabalham nos arredores da Praça da Sé, teremos cursos de aperfeiçoamento profissional e de liderança”, explica Wallyson

Santos. Para facilitar o contacto com este mosaico cultural que forma a maior cidade do Brasil, os voluntários do projeto vão ter oportunidade de aprender novos idiomas, o que contribuirá igualmente para a formação de novos missionários brasileiros que servirão além-fronteiras. “Vamos oferecer cursos de diversas línguas, como Inglês, Árabe e Mandarim”, informa o coordenador do projeto. Com o objetivo de ir ao encontro dos estrangeiros que vivem na cidade e também das diversas “tribos urbanas”, que ocupam os mais diversos espaços, a Base Génesis vai oferecer ainda aulas de culinária, bem como organizar atividades com as quais alguns grupos, como os *skaters* e aficionados do motociclismo,

se sintam identificados. “Estamos abertos para desenvolver, através do voluntariado dos membros de igreja, todas as atividades que possibilitem o desenvolvimento humano nos aspetos físico, emocional e espiritual”, explica Wallyson Santos.

“Nada melhor do que um grande centro como São Paulo, com 20 milhões de habitantes, polo de atração de pessoas de todo o mundo, para realizar projetos de missão como este”, reforça Emílio Abdala, responsável pelos departamentos de Evangelismo e Missão Global no Estado de São Paulo.

A multiplicação de centros de influência nas grandes cidades apresenta contornos proféticos. Há mais de 100 anos, a escritora norte-ame-

ricana Ellen G. White afirmou: “Devemos fazer mais do que temos feito para alcançar as pessoas das nossas cidades. Não devemos construir grandes edifícios nas cidades, mas, repetidas vezes, foi-me mostrado que devemos estabelecer em todas as nossas cidades pequenas instalações que se tornem centros de influência” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 7, p. 115). Segundo o presidente mundial da organização, este é um dos grandes desafios para a Igreja no mundo contemporâneo. “Nós temos tentado desafiar a Igreja em todo o mundo para que adira aos planos que vêm descritos no Espírito de Profecia, a fim de alcançar pessoas nas grandes cidades”, afirma Ted Wilson. ✨

MEGA CLÍNICA A OPERAR EM SAN ANTONIO, TEXAS, SUPERA OS SEUS OBJETIVOS

ANN/RA

Mais de 1700 profissionais de saúde e voluntários deram corpo a uma mega clínica que forneceu tratamentos gratuitos no Alomodome de San Antonio, Texas, Estados Unidos da América, de 8 a 10 de

abril do corrente ano. Os seus organizadores anunciaram que foram prestados serviços de saúde no valor de vinte milhões de dólares aos residentes de San Antonio sem seguros de saúde. 6192 pessoas foram tratadas na clínica, incluindo as 360 pessoas que receberam tratamento cirúrgico gra-

tuito. O evento foi organizado por *Your Best Pathway to Health*, um serviço da ASI Norte-Americana, em parceria com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, o Sistema de Saúde Adventista e outras entidades. Os serviços gratuitos incluíram cuidados primários de saúde, consultas em várias especialidades

médicas e em odontologia. Não foi pedido aos pacientes qualquer pagamento ou identificação. Não foi necessário realizar qualquer marcação, exceto para as intervenções cirúrgicas. A próxima mega clínica será realizada em Spokane, Washington, de 3 a 4 de agosto de 2015. ✨

A ADRA INTENSIFICA A SUA AÇÃO APÓS NOVO SISMO NO NEPAL

Ad7/RA

Após um novo sismo ter atingido o Nepal no dia 12 de maio, a Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência (ADRA) intensificou a sua campanha de angariação de fundos a fim de ajudar as famílias afetadas no país. O sismo de magnitude 7,3 na

escala de Richter teve o seu epicentro próximo da cidade de Namche Bazar, que fica a 85km da capital nepalesa, Katmandu. A forte réplica, para além de derrubar centenas de casas e edifícios, já causou mais de 70 mortos e 2300 feridos, elevando o total de vítimas desde o primeiro abalo do dia 25 de abril. A ADRA Internacional, que se encontra no



país desde o primeiro sismo, finalizou a primeira etapa da sua resposta à emergência no dia 5 de maio, distribuindo lonas que servem de abrigos e kits para as famílias afetadas. Até agora foram socorridas 2242 famílias, totalizando 13 452 pessoas beneficiadas. Na segunda fase, os donativos, que têm sido enviados pelos escritórios da ADRA noutros países, estão a ser usados na aquisição de filtros de água, alimentos e kits de

ferramentas para a construção de abrigos. O novo abalo veio ampliar os desafios na região. Os donativos permitem dar assistência imediata a milhares de pessoas. A ADRA e a *Global Medic*, organização internacional que também atua em situações de emergência, fizeram uma parceria para fornecer tendas de grande dimensão que servirão como um local temporário para os postos de saúde, que foram danificados ou destruídos

pelo terramoto do dia 25 de abril. Além disso, a ADRA distribuiu mil pacotes de alimentos, contendo arroz, lentilhas, massa, açúcar, sal e óleo – o suficiente para alimentar uma família de seis pessoas durante duas semanas. “Os donativos em dinheiro permitem que as organizações respondam de forma rápida e adaptada às necessidades e às diversas etapas do processo de resposta de emergência”, afirma Thierry Van Bignoot, Diretor

da ADRA Internacional para Gestão de Emergências. “São o meio mais eficiente e permitem-nos adquirir os bens localmente, assegurando que tudo o que usamos é cultural e ambientalmente adequado.” A ADRA Portugal abriu uma conta com o **NIB 0010 0000 51948480002 40** especificamente para apoiar as vítimas do sismo no Nepal. Este peditório está devidamente autorizado pelo Ministério da Administração Interna. 🍃

NOTÍCIAS NACIONAIS



ADRA SÃO MIGUEL PARTICIPA NA FEIRA LAR, CAMPO E MAR

Ad7/RA

Entre os dias 8 e 14 de maio, a Delegação da ADRA de São Miguel participou naquela que é considerada uma das mais proeminentes feiras da ilha: a Feira Lar, Campo e Mar, que se realiza anualmente na cidade de Ponta Delgada, por iniciativa da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada. Contando com a colaboração de vários

voluntários locais, a equipa da ADRA São Miguel pôde apresentar ao público um *stand* apelativo, recheado de trabalhos manuais para venda ao público, dos quais se destacam as compotas e as bolachas de fabrico caseiro, as almofadas decorativas e os brinquedos feitos em madeira. Aproveitou-se ainda a ocasião para se realizar a divulgação da Campanha Anual de Solidariedade da ADRA, disponibilizando aos visitantes os *Kits* de ervas

aromáticas e as brochuras de divulgação que foram preparadas para a ação “Dar Sabor à Vida” realizada em todo o território nacional. Foram muitos, entre residentes e estrangeiros, os que por ali passaram e puderam assim conhecer o trabalho da ADRA a nível nacional e internacional. O *stand* da ADRA contou ainda com a visita do Senhor Presidente do Governo Regional dos Açores, o Dr. Vasco Cordeiro. Os visitantes mostraram

o seu apreço pelo trabalho da ADRA, adquirindo os produtos em exposição e entregando donativos para o desenvolvimento dos projetos sociais na Ilha. De acordo com o testemunho da equipa da ADRA local, a participação na Feira Lar, Campo e Mar foi uma experiência gratificante para a Delegação de São Miguel que, espera ver assim aumentadas as suas possibilidades de apoiar os mais necessitados. 🍃

SETÚBAL: QUERO VIVER +

Ad7/RA

O parque urbano de Albarquel, em Setúbal, foi o lugar escolhido para mostrar à população da cidade o projeto de saúde “Quero Viver Mais”. Crianças, jovens e adultos uniram-se e, a uma só voz, convidaram todos os que por ali passaram para as

várias iniciativas que tiveram lugar durante a tarde de sábado. Guida Esteves, coordenadora do projeto, afirmou que “a igreja Adventista de Setúbal está empenhada, de uma forma particular, na promoção da saúde. Lançámos um programa, sobre hábitos saudáveis. São oito semanas em que iremos sensibilizar-nos a nós próprios

e sensibilizar também os nossos amigos”. Ao longo da tarde, os mais pequenos desafiaram os adultos a trocarem cigarros por maçãs, enquanto outros prepararam as bancas com todo o material de apoio, quer no âmbito da divulgação de princípios de saúde, quer em representação das diversas áreas em exposição. Rui Martins fez



a descrição dos vários *stands* em Albarquel. “Temos o Colégio a funcionar, o Jar-

dim de Infância Arco-Íris, temos também a ADRA, a parte da saúde e o Clube de Desbravadores. Nós também estamos a promover os Desbravadores; já temos um núcleo bastante grande, mas gostaríamos que mais jovens tivessem oportunidade de fazer parte deste grupo.” À hora marcada, profissionais de saúde proferiram palestras sobre “os malefícios do tabaco” ou sobre “como

prevenir o cancro”, uma vez que o consumo de tabaco constitui, presentemente, a primeira causa evitável de doença e de morte e contribui para seis das oito primeiras causas de morte a nível mundial. Nos intervalos das palestras, o teatro de fantoches mostrou à pequenada quais os nutrientes que podem contribuir para uma boa alimentação. Tudo isto porque o projeto

“Quero Viver Mais” foi feito também a pensar neles. “Nós preocupamo-nos com a criança no seu todo e com a sua educação, quer a nível académico, quer a nível de saúde; por isso, a alimentação correta é também um ponto muito importante que nós procuramos transmitir às crianças. Dizemos-lhes que elas têm de ter cuidado com a sua alimentação, com os seus hábitos de saúde, para que possam crescer

mais saudáveis”, comentou Ângela Espírito Santo, diretora do Arco-Íris e do Colégio Adventista de Setúbal. Ao longo deste ano, o projeto “Quero Viver Mais” está a ser desenvolvido não apenas em Setúbal, mas em todo o país, porque a comunidade Adventista tem uma mensagem específica de saúde para partilhar com aqueles que ainda não a conhecem. 

VIVER MAIS SOBRE RODAS

Ad7/RA

O projeto “Viver Mais Sobre Rodas” é uma iniciativa de alguns profissionais de saúde Adventistas que pretende chegar a lugares isolados e com fracos recursos técnicos. Cristina Gualdino, enfermeira e coordenadora deste projeto, decidiu partir à aventura e concretizar o sonho de ajudar as populações nas aldeias do interior de Portugal. Com uma caravana equipada para o efeito, esta enfermeira saiu de Lisboa em direção a Mirandela, bem no norte do país, depois de ter recebido um convite do colaborador local da Associação Internacional de Temperança. Durante oito semanas, a caravana “Viver Mais Sobre Rodas” passou por três aldeias, em dias diferentes da

semana. Em cada aldeia todo o trabalho acabou por ser desenvolvido nas instalações cedidas gratuitamente pelas Juntas de Freguesia. Foi, por exemplo, o caso da aldeia de Passos. E tal como todos os outros, também o Presidente e a família fizeram questão de participar e aproveitar os conselhos de saúde, sendo ele sempre o primeiro a chegar. Para a concretização deste projeto, a Caravana “Viver Mais Sobre Rodas” recebeu apoio de vários voluntários formados na área da saúde, bem como de duas instituições Adventistas. Da ASI receberam uma bolsa e da AIT receberam material médico. Fazer este trabalho, com a missão de transmitir valores e conhecimento às populações carenciadas e sem recursos técnicos de saúde, permite sempre alcançar



resultados muito positivos. Numa aldeia como a de Passos, no conselho de Mirandela, este tipo de iniciativas é sempre muito apreciado. O pior não é na hora da chegada mas, sim, quando a caravana volta à estrada para seguir em direção a outros projetos. Para o presidente da Junta de Freguesia, António Roque, “é com alguma tristeza que os

vemos ir embora. Penso que iremos ter saudades, mas já estamos a trabalhar noutro projeto e penso que este irá continuar”. Seja que projeto for, resta esperar que na aldeia de Passos a qualidade de vida seja cada vez melhor entre aqueles que seguiram atentamente os conselhos deixados pela equipa “Viver Mais Sobre Rodas”. 

BATISMOS EM LAGOA

Pr. Luís Carlos Fonseca

No sábado, 11 de abril, quatro pessoas foram batizadas na igreja de Lagoa, para alegria de todos os presentes e dos anjos de Deus. O resultado é fruto de estudos bíblicos realizados de forma

sistemática. Natural da Roménia, mas residente em Portimão, a irmã Mónica Bubi procurou a igreja Adventista do Sétimo Dia de expressão de Leste, onde foi recebida e preparada para o batismo. De acordo com o Pr. Iulian Negru, a referida irmã procurou a igreja logo após uma



reunião de oração onde os irmãos pediram a Deus pessoas com quem estudar a Bíblia, de modo a serem preparadas para o batismo. A jovem Lara Alemão e o casal Bruno e Monaliza Azevedo foram recebidos na igreja de Lagoa, à qual passam a pertencer como membros. É com muita ale-

gria que damos as boas-vindas aos novos irmãos e às novas irmãs, desejando-lhes as mais ricas bênçãos de Deus para a sua vida e para a vida dos seus familiares. No fim da cerimônia batismal outras pessoas presentes manifestaram o desejo de serem batizadas numa próxima oportunidade. ✦

NOTÍCIAS DA IGREJA DE CHAVES

Catarina Rodrigues Cabrito
– IASD Chaves

O fim de semana de 21 e 22 de março foi bem recebido na igreja Adventista do Sétimo Dia em Chaves. No sábado 21, foi celebrado o Dia Global da Juventude. Tivemos a participação especial dos jovens no serviço de culto. Durante a tarde, aproveitámos para distribuir garrafas de água pela cidade, com um versículo alusivo, tendo em conta que, no domingo



22, se celebrava o Dia Mundial da Água. Também aproveitámos o fim de semana para fazer um acantonamento, onde tivemos a oportunidade de refletir na liberdade que obtemos amando o nosso bom Deus. ✦

BATISMOS EM SERPINS

Pr. António Domingues
– IASD Serpins

Foi no dia 11 de abril, num sábado à tarde, que a Marta e a Inês, da igreja de Serpins, e a Cristiana Dias, da igreja de Arganil, desceram às águas batismais, aceitando o convite de Jesus. Os batismos foram realizados na igreja de Serpins e foi um dia cheio de alegria proporcionada pelo Senhor, tanto às três jovens, como à Sua Igreja. A Marta e a Inês foram batizadas pelo Pastor António Domingues e



a Cristiana pelo Pastor Joaquim Casaquinha. Estes batismos ocorreram depois de um período de importantes decisões e de busca incessante d'Aquele que tudo sabe. Por fim, graças a Deus, entregaram a sua vida ao Senhor. Bem-vindas ao povo de Deus! ✦

CUMPRINDO A MISSÃO

Isabel Brito Lage –IASD Queluz

No Dia da Mulher, 8 de março, respondendo ao desafio lançado pelo Ministério Pessoal e pelo Ministério da Mulher da igreja Adventista do Sétimo Dia de Queluz, crianças, jovens e adultos foram premiados com os rasgados sorrisos das 560 mulheres que receberam uma flor e um prático e lindo saco para compras. Os sacos tinham sido carinhosamente confeccionados para a ocasião, sendo muitos deles pintados à mão, graças ao esforço e à boa vontade de algumas irmãs, sob a orientação da responsável pelos referidos departamentos, a irmã Ivone Medeiros. Entretanto, surgiu novo repto para outra iniciativa. Assim, no primeiro domingo de maio, desenharam-se sorrisos nos rostos de 400 mães de Queluz, quando foram brindadas com flores no dia em que a maternidade é oficialmente celebrada. Nestas duas datas comemorativas, todas as homenageadas receberam muito mais do que flores, pois foram agra-

Medeiros voltou a mobilizar a igreja para mais uma ação, desta feita com o objetivo de alertar a população do Cacém para os malefícios do tabaco e de sensibilizá-la para a necessidade de proteger as pessoas contra o tabagismo passivo. Para este efeito foi aproveitada mais uma data comemorativa, o dia 31 de maio, Dia Mundial Sem Tabaco. Com o apoio da Associação Internacional de Temperança, da Associação de Diabéticos de Sintra e da igreja Adventista do Sétimo Dia do Cacém, a *Passeata Antitabaco*, com um percurso de cerca de 14 quilómetros, começou por volta das 10 horas. Os participantes percorreram várias artérias do Cacém, erguendo faixas e cartazes bem criativos, entoando palavras de ordem e trocando “vitamina por nicotina”, isto é, uma peça de fruta por um cigarro, enquanto distribuíam 300 revistas *Saúde & Lar*, 600 folhetos *Hábitos Saudáveis* e 1600 convites para o *Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar*, a implementar no fim de junho, também no Cacém. Por volta das 13 horas, depois da



ciadas com revistas *Saúde & Lar* e folhetos diversos, num total de 2000 publicações na primeira iniciativa e de 1200 publicações na segunda. O dinamismo da irmã Ivone

oração de agradecimento feita pelo Pastor Daniel Bastos, houve em todos os participantes um sentimento de grata satisfação pela missão cumprida. ✦

Escreveu o profeta o livro de Daniel?

A autoria do livro de Daniel tem sido discutida durante séculos. Os estudiosos da Bíblia têm sustentado basicamente duas perspectivas. Alguns creem que o livro foi escrito pelo profeta Daniel no sexto século a.C., como o próprio livro afirma. Outros ensinam que o livro foi escrito por um Judeu desconhecido no segundo século a.C., durante a chamada era macabeia. Assim, esta segunda perspectiva é frequentemente chamada a hipótese macabeia.

Identificar o escritor do livro de Daniel é crucial porque a interpretação e a validade das profecias do livro dependem da identificação do autor. Se foi Daniel, no século sexto, que escreveu o livro, então ele contém verdadeiras profecias. Se foi um Judeu desconhecido que escreveu o livro no segundo século, as suas profecias não são realmente profecias, mas sim História escrita sob a forma de profecia após os eventos profetizados já terem ocorrido.

Origem no sexto século

Os eruditos que defendem a autoria do livro por Daniel sus-

tentam que o livro foi escrito e coligido por fases pelo próprio profeta Daniel por volta de 530 a.C. em Babilónia. O objetivo do livro era o de proclamar a soberania de Deus a partir de uma perspectiva internacional e encorajar os Seus filhos a seguirem fielmente o Senhor, sabendo que Ele está no controlo da História. Deus preocupa-Se e Ele é o derradeiro e o mais elevado juiz, porque todos os seres humanos devem responder perante Ele. Daniel apresenta uma sequência de quatro impérios mundiais, a primeira vinda do Messias, o surgimento e as atividades do Anticristo (a ponta pequena), a perseguição dos santos, o juízo celestial e, finalmente, o estabelecimento do reino eterno de Deus. O ponto culminante deste livro apocalíptico reside na profecia cheia de esperança sobre uma ressurreição no fim do tempo. Esta perspectiva pode ser designada como a hipótese Persa (ou do Exílio).

Origem no segundo século

A datação tradicional do livro de Daniel por Judeus e por Cristãos, que coloca o livro de Daniel

no sexto século a.C., foi desafiada a partir do final do século XVIII pela chamada hipótese macabeia, e esta perspectiva prevalece hoje entre os eruditos que seguem o método histórico-crítico. O primeiro crítico a situar a origem do livro de Daniel no segundo século a.C. foi o neo-platónico Porfírio (ca. 234-305 d.C.). No décimo segundo livro da sua obra *Contra os Cristãos*, ele argumenta que Daniel foi escrito por um indivíduo que vivera na Judeia durante o tempo de perseguição dos Judeus pelo rei sírio Antíoco IV Epifanes (175-163 a.C.), porque ele descreve estes eventos de um modo por de mais preciso para ser uma verdadeira profecia. No seu comentário ao livro de Daniel, o Pai da Igreja Jerónimo (ca. 348-420 d.C.) responde aos argumentos de Porfírio e defende a autoria tradicional de Daniel. O livro de Porfírio foi mais tarde destruído e a sua perspectiva sobre o livro de Daniel sobreviveu apenas porque Jerónimo a mencionou.

Segundo a hipótese macabeia, um autor desconhecido do segundo século a.C. escreveu o livro e usou o pseudónimo “Daniel” para

Daniel

dar autoridade ao seu manuscrito. Ele narrou a história passada sob a forma de profecia e realmente profetizou apenas sobre os eventos descritos em Daniel 11:40-12:2, esperando que a ressurreição acontecesse neste período de tempo, que o autor cria ser o tempo do fim. Mas as suas profecias “genuínas” falharam, porque o que ele profetizou nunca aconteceu. Segundo a erudição histórico-crítica, o escritor cometeu alguns erros históricos porque ele não era bom conhecedor da história de Babilónia e da Medo-Pérsia. Ele estava apenas correto quando lidou com a história do seu próprio tempo, o tempo dos Seleucidas e dos Ptolomeus. Assim, a tese macebeia afirma que o livro de Daniel foi escrito na Judeia por volta de 165 a.C., num tempo de crise profunda, quando o rei Antíoco IV Epifanes profanou o templo de Jerusalém (167 a.C.) e perseguiu brutalmente os Judeus por causa das suas convicções religiosas. O propósito do livro, afirma-se, era o de guiar os Judeus na sua fidelidade a Deus e na sua revolta contra o reinado tirânico e opressivo deste rei helénico.

Provas a favor de uma origem do livro de Daniel no sexto século

Os pontos seguintes irão demonstrar o problema que existe em se defender a perspectiva histórico-crítica e mostrar que há, de facto, muitos argumentos em favor de uma origem do livro no sexto século a.C.. Alguns destes pontos são os seguintes:

1. O carácter historicamente fidedigno e confiável do livro.

Ao contrário das afirmações de muitos críticos, existe uma notável precisão nos relatos detalhados sobre os eventos históricos presentes no livro de Daniel, os quais são tão precisos – em comparação com os materiais extrabíblicos conhecidos – que



a conclusão é inequívoca: o autor teve de ser uma testemunha ocular que viveu estes eventos e, portanto, pôde fornecer relatos historicamente precisos. As fontes primárias demonstram em definitivo que o autor conhecia factos que eram desconhecidos no segundo século a.C., mas que foram recentemente descobertos pelos arqueólogos. Alguns exemplos são suficientes para provar este ponto: (a) Em Daniel 4, Nabucodonosor é mencionado como sendo o orgulhoso construtor de Babilónia. Este conhecimento sobre a sua atividade de construtor perdeu-se (nunca é mencionada pelos antigos historiadores Heródoto, Ctesias, Estrabão e Plínio), mas foi confirmado pelas escavações modernas em Babilónia. Algumas inscrições assemelham-se de tal modo ao relato bíblico de Daniel 4 (e.g., o *Cilindro de Grotefend*), que R. H. Pfeiffer admitiu: “Provavelmente nunca sabemos como o nosso autor soube que a nova Babilónia era a criação de Nabucodonosor (4:30), como provaram as escavações”;¹ (b) A existência de Belshazar foi posta em causa pelos eruditos até ao fim do século XIX. Depois descobriu-se que ele não era apenas o filho primogénito de Nabonido, mas que o seu pai o tinha constituído corregente e “tinha-lhe confiado o reino [de Babilónia]”.² Portanto, Belshazar ofereceu corretamente a Daniel a terceira posição de autoridade no seu reino (i. e., depois de Nabonido e dele mesmo; veja Dan. 5:7, 16, 29); (c) A Crónica de Nabonido confirma que Nabonido, o último rei babilónico, não estava em Babilónia quando esta caiu sob o domínio dos Persas em 539 a.C.. “No mês de Tashritu, quando Ciro atacou o exército de Akkad em Opis, junto do rio

Tigre, os habitantes de Akkad revoltaram-se, mas ele [Nabonido] massacrou os habitantes confusos. No 14º dia, Sippar foi conquistada sem batalha. Nabonido fugiu. No 16º dia, Gobrias [Ugbaru], o governador de Gutium, e o exército de Ciro entraram em Babilónia sem qualquer batalha. Depois, Nabonido foi preso em Babilónia quando regressou ali.”³ R. P. Dougherty afirma convictamente a historicidade do livro de Daniel: “De todos os registos não babilónicos que tratam da situação existente no fim do império neo-babilónico, o quinto capítulo de Daniel situa-se imediatamente a seguir à literatura cuneiforme em precisão no que toca aos acontecimentos mais destacados.”⁴

Apenas um problema histórico, a identificação de Dario, o Medo, permanece por resolver no livro de Daniel. Este problema ainda não foi resolvido de modo satisfatório devido à falta de material histórico adequado sobre o pano de fundo histórico. A hipótese de William Shea de identificar esta figura com Gubaru/Ugbaru/Gobrias, o general do exército de Ciro que conquistou Babilónia em outubro de 539 a.C., é a melhor opção no corrente debate.⁵

2. A língua do livro. Os eruditos histórico-críticos pretendem que a língua do livro de Daniel aponta para uma origem no segundo século a.C.. No entanto, as comparações linguísticas do Hebreu de Daniel com o Hebreu dos manuscritos de Qumran (II século a.C.) testemunham a favor da hipótese persa, porque o Hebreu de Daniel não está próximo do Hebreu da literatura de Qumran. Além disso, as palavras persas usadas em Daniel são palavras do Persa Antigo, o que indica a sua antiguidade; o seu significado é,

por vezes, difícil de discernir ou está mesmo perdido. Além disso, o Aramaico de Daniel identifica-se com o Aramaico Oficial ou Imperial (ca. 600-330 a.C.) e não com o Aramaico do segundo século a.C.. Gleason Archer explica que “o Apócrifo de Génesis fornece provas muito poderosas de que o Aramaico de Daniel procede de um período consideravelmente mais antigo do que o segundo século a.C.”.⁶

Existem apenas três palavras de origem grega em Daniel e todas elas são nomes de instrumentos musicais (Dan. 3:5, 7, 10, 15). Isto não é muito surpreendente, dado que o comércio realizado pelos Gregos estendeu-se por todo o antigo Médio Oriente do oitavo século a.C. em diante. Além disso, alguns Gregos eram empregados como soldados do exército na Babilónia do tempo de Nabucodonosor, e eles podem ter trazido estes instrumentos com eles. Se o livro tivesse sido escrito em meados do segundo século a.C., como pretende a hipótese macabeia, então o documento deveria estar repleto de palavras gregas, porque nessa época o Grego era a língua predominante no Oriente e a cultura grega dominava o Médio Oriente.

3. Os quatro impérios de Daniel. A hipótese macabeia afirma que os quatro impérios mundiais em Daniel são a Babilónia, a Média, a Pérsia e a Grécia. No entanto, a verdadeira sequência dos quatro impérios é Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Isto pode ser sustentado pelos seguintes factos: (a) Em 550 a.C., o rei persa Ciro derrotou o rei medo Astiages e formou um reino conhecido como a Medo-Pérsia, o que significa que, à data em que se deu a queda de Babilónia, em

539 a.C., a Medo-Pérsia já era um império unido; (b) O simbolismo empregado no livro para descrever o império Medo-Persa indica que ele era considerado como um só reino e não como dois reinos: a parte de prata da estátua tem dois braços (Dan. 2:32); o urso representando o mesmo poder tem dois lados desiguais (Dan. 7:5); e o carneiro, identificado como a Medo-Pérsia, tem dois chifres diferentes (Dan. 8:3, 20); (c) Daniel identifica claramente os primeiros três impérios como sendo Babilónia, Medo-Pérsia (um reino unido!) e Grécia (Dan. 2:38; 5:28; 6:8, 12, 15; 8:20 e 21). No que diz respeito ao texto bíblico, o livro não faz qualquer separação entre os impérios Medo e Persa. Roma é o quarto império, dado que foi ela que sucedeu ao império Grego na história.

4. O elemento temporal no livro de Daniel. O alcance do livro de Daniel vai muito para além da época dos Macabeus, chegando mesmo até ao tempo do fim. Isto significa que a sequência dos quatro reinos sucessivos não termina no tempo dos Macabeus. O

livro prediz a primeira (Dan. 9) e a segunda vindas de Jesus (Dan. 2, 7), com a ressurreição no fim do tempo como clímax do livro (Dan. 12:2, 13). A mensagem de Daniel está centrada em Deus e no Seu reino eterno futuro.

5. O tom no livro de Daniel. A atmosfera do livro de Daniel não corresponde nem se ajusta à situação da revolta macabeia. O profeta Daniel tem uma atitude muito reverente perante Nabucodonosor e Dario, o Medo (Dan. 2:37 e 38; 6:21). Ele trabalha para eles numa elevada posição governamental e é-lhes leal. Ele fala com grande respeito e dignidade até com o ímpio rei Belshazar (Dan. 5:22-24). O próprio Nabucodonosor age de modo muito reverente para com Daniel, chegando mesmo a curvar-se perante ele (Dan. 2:46-48); e, segundo o capítulo 4, Nabucodonosor relata a história da sua conversão e louva o verdadeiro Deus Altíssimo (Dan. 4:34, 37). Ainda que, na parte profética do livro, os fiéis sejam perseguidos e sofram, eles nunca são encorajados a organizar uma revolta contra os seus governantes e

opressores. É antes transmitida uma imagem de resistência passiva. Isto surge em forte contraste com a revolta macabeia contra o rei Antíoco IV Epifanes no segundo século a.C.. J. J. Collins afirma corretamente que “as histórias de corte dos capítulos 1-6 não foram escritas no tempo dos Macabeus. Nem sequer é possível isolar um único versículo que se mostre ser uma inserção editorial daquele período.”⁷

6. A evidência fornecida pelos manuscritos de Qumran. Os manuscritos dos rolos do Mar Morto falam persuasivamente a favor da hipótese Persa. Daniel é chamado profeta e o seu livro foi amplamente usado em Qumran. Oito manuscritos de Daniel foram encontrados em três grutas (1Q, 4Q e 6Q); eles datam de 125 a.C. até 50 d.C.. Isto significa que esta comunidade de fé respeitava muito e usava amplamente o livro de Daniel. Ele é citado juntamente com outros livros, tais como os livros de Moisés, Samuel, Isaías, Ezequiel, Amós e os Salmos. Isto seria muito pouco usual, se o livro tivesse sido escrito apenas em





meados do segundo século a.C., apenas cerca de duas décadas antes do uso deste documento pela comunidade de Qumran. Este período de tempo é curto de mais para o livro ter sido escrito, copiado e amplamente lido, o que seria necessário para que ele ganhasse uma tão grande popularidade e autoridade.

7. A datação das visões. O modo de datar as visões no livro de Daniel corresponde ao modo de datar usado nos livros de Jeremias, Ezequiel e Ageu (sexto século a.C.), mas não ao do livro de Malaquias (quinto século a.C.). A prática de colocar uma data nas visões no livro de Daniel (2:1; 7:1; 8:1; 9:1; 10:1) é similar à prática dos profetas que estão ligados ao exílio babilônico. Jeremias datou oito visões (1:2 e 3; 25:1; 28:1; 32:1; 36:1; 41:1; 45:1; 46:1 e 2) e noutras ele indicou o contexto temporal usando certos eventos (21:1; 24:2; 26:1; 27:1; 33:1; 38:1, 7; 39:15; 40:1; 47:1). O livro de Ezequiel tem doze visões com uma data específica (1:1 e 2; 8:1; 20:1; 24:1; 29:1, 17; 30:20; 31:1; 32:1, 17; 33:21; 40:1). O pequeno livro de Ageu, escrito em 520 a.C., contém cinco visões e todas elas estão datadas (1:1; 1:15; 2:1; 2:10; 2:20). O livro de Malaquias

(ca. 425 a.C.) compreende várias visões, mas nenhuma delas está datada! O mesmo é verdade da literatura apocalíptica do segundo século a.C. e posterior. O livro de Daniel está, neste aspeto, mais próximo dos profetas do exílio do que das obras judias apócrifas ou pseudoepígrafas, em que as visões não são datadas.

8. O testemunho do livro de Daniel. O livro apresenta-se como sendo uma obra do sexto século a.C., composta no ambiente dos impérios Babilónico e Persa, e afirma claramente que Daniel é o seu autor (7:1; 12:4, 9). Daniel é diretamente mencionado como sendo o autor de diversos capítulos que estão escritos na primeira pessoa (7:2, 4, 6, etc; 8:1 e 2; 9:2-4, 20-23; 10:2, 7, 10, 15-19; 12:5, 7 e 8). O facto de ele também se referir a si mesmo na terceira pessoa não é uma contradição, porque até mesmo alguns documentos antigos extrabíblicos foram escritos neste estilo (por exemplo, a *Anabasis* de Xenofonte e a *Guerra da Gália* de Júlio César).

9. O testemunho de Jesus Cristo. No Novo Testamento, Jesus fala de Daniel com elevada apreciação (Mat. 24:15). Ele chama-lhe profeta e liga a profecia acerca da “abominação da deso-

lação” (Dan. 9:27) à futura queda de Jerusalém no ano 70 d.C. (veja Mat. 24:16; Mar. 13:14; Luc. 21:20 e 21). Jesus vê Daniel como uma figura histórica do sexto século a.C. e sustenta que o foco do livro vai para além do tempo dos Macabeus!

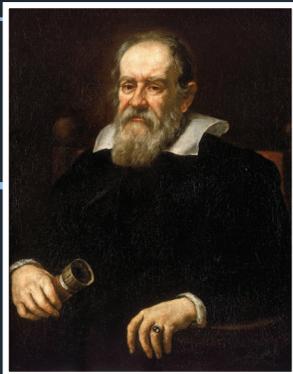
Conclusão

A hipótese macabeia tem sérios pontos fracos e não é convincente. Negar que Deus conhece o fim desde o princípio (Isa. 46:10) e é capaz de prever com precisão o fluxo da história antes de ela acontecer está em oposição direta à afirmação bíblica de que Deus revelou o futuro a Daniel (Dan. 2:19-23; 7:1 e 2; 8:1 e 2). A existência de genuínas profecias preditivas e o conhecimento prévio que Deus tem dos eventos históricos são as chaves interpretativas que abrem o significado de Daniel.

As objeções levantadas pelos académicos que usam o método histórico-crítico e os problemas relacionados com a atribuição da data de autoria do livro ao século sexto a.C. podem ser adequadamente resolvidos. O autor do livro de Daniel é o próprio profeta Daniel. ♣

Jirí Moskala
Teólogo

1. Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, New York/London: Harper & Brothers, 1941, pp. 758 e 759.
2. James B. Pritchard (ed.), “Verse Account of Nabonidus” in *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3rd ed., Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969, pp. 312-315.
3. James B. Pritchard (ed.), “Nabonidus Chronicle” in *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, p. 306.
4. Raymond P. Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar: A Study of the Closing Events of the Neo-Babylonian Empire*, New Haven, CT: Yale University Press, 1929, p. 216.
5. William H. Shea, “Darius the Mede: An Update”, *Andrews University Seminary Studies* 20, 1982, pp. 229-247.
6. Gleason L. Archer Jr., “The Aramaic of the ‘Genesis Apocryphon’ compared with the Aramaic of Daniel”, in *New Perspectives on the Old Testament*, ed. J. B. Paine, Waco, TX: Word Books, 1970, pp. 169.
7. John J. Collins, *The Apocalyptic Visions of the Book of Daniel*, Harvard Semitic Monographs 16, Missoula, MT: Scholars Press, 1977, p. 11.



DEUS E GALILEU

No início do século XVII, o astrónomo Galileu Galilei convenceu-se de que o Sol, não a Terra, estava no centro do nosso sistema solar. Embora esta ideia hoje não nos pareça nada de extraordinário, no tempo de Galileu era uma ideia herética. Quando os Israelitas estavam a combater contra os Amorreus, tal como está registado em Josué 10:13, a Bíblia diz que, para aumentar a duração do dia, “o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou dos seus inimigos”. A Igreja Católica no tempo de Galileu acreditava que, porque a Bíblia dizia que o Sol se tinha detido para aumentar a duração do dia, isso significava que a Terra era o centro do Universo e que o Sol se movia ao seu redor, causando o dia e a noite. A Igreja Católica desta época também acreditava

que mais alguns outros versículos na Bíblia, como I Crónicas 16:30 e Eclesiastes 1:4 e 5, provavam que a Terra estava imóvel, enquanto o Sol se movia ao seu redor.

Em 1633, Galileu foi trazido perante a Inquisição em Roma por causa das numerosas obras que ele tinha escrito advogando a ideia de que o Sol era o centro do Universo. A Inquisição concluiu: “A proposição de que o Sol é o centro do mundo e não se move do seu lugar é absurda e falsa filosoficamente e formalmente herética, porque está em expressa oposição às Sagradas Escrituras. A proposição de que a Terra não é o centro imóvel do mundo, mas que se move, tendo também um movimento diurno, é igualmente absurda e falsa filosoficamente e, considerada teologicamente, é errónea na fé.” A Inquisição declarou que Galileu era culpado de heresia e sentenciou-o à prisão perpétua.

Hoje nós percebemos, baseados num estudo aprofundado do Universo de Deus, que o Sol é o centro do sistema solar e que o dia e a noite são causados pela rotação da Terra. Percebemos também que a Bíblia, nas suas descrições astronómicas, se limita a apresentar os fenómenos do ponto de vista da sua aparência para uma testemunha situada na Terra. Por isso, ao afirmar que “o Sol se deteve” ela não estava a afirmar que o Sol orbita à volta da Terra, mas apenas que ele *parece* assim fazer. Isto não impede que tenha efetivamente ocorrido um fenómeno astronómico, natural ou de origem divina, que deu a *impressão* de o Sol ter parado. Galileu estava correto e a Igreja Católica dos seus dias estava errada, ao recusar admitir que não tinha um pleno entendimento da revelação de Deus na Natureza e nas Escrituras. ✨

Retirado da revista Guide

Reflexo de Cristo

O Apocalipse, o maior livro profético da Bíblia, é declarado ser uma “revelação de Jesus Cristo” dada por Deus para benefício da Igreja (Apoc. 1:1). Estas palavras comportam dois sentidos fundamentais: um *subjetivo*, que aponta para Jesus como o autor da revelação, e outro *objetivo*, que faz d'Ele o tema da revelação. Isto significa que a revelação é feita por Jesus e é acerca d'Ele. O mesmo texto faz referência ao instrumento humano usado por Jesus para que a revelação se efetivasse: “O seu servo João.” Quem foi ele?

Bem, o Novo Testamento refere-se a, pelo menos, quatro pessoas que tiveram esse nome: (1) João Batista, que morreu antes da crucificação de Jesus; (2) um parente do sumo-sacerdote Anás e inimigo do Evangelho (Atos 4:6); (3) João Marcos (Atos 12:12), autor do segundo Evangelho; e (4) o apóstolo João, o discípulo amado e autor do quarto Evangelho. As evidências apontam para o apóstolo João como sendo o escritor do Apoca-

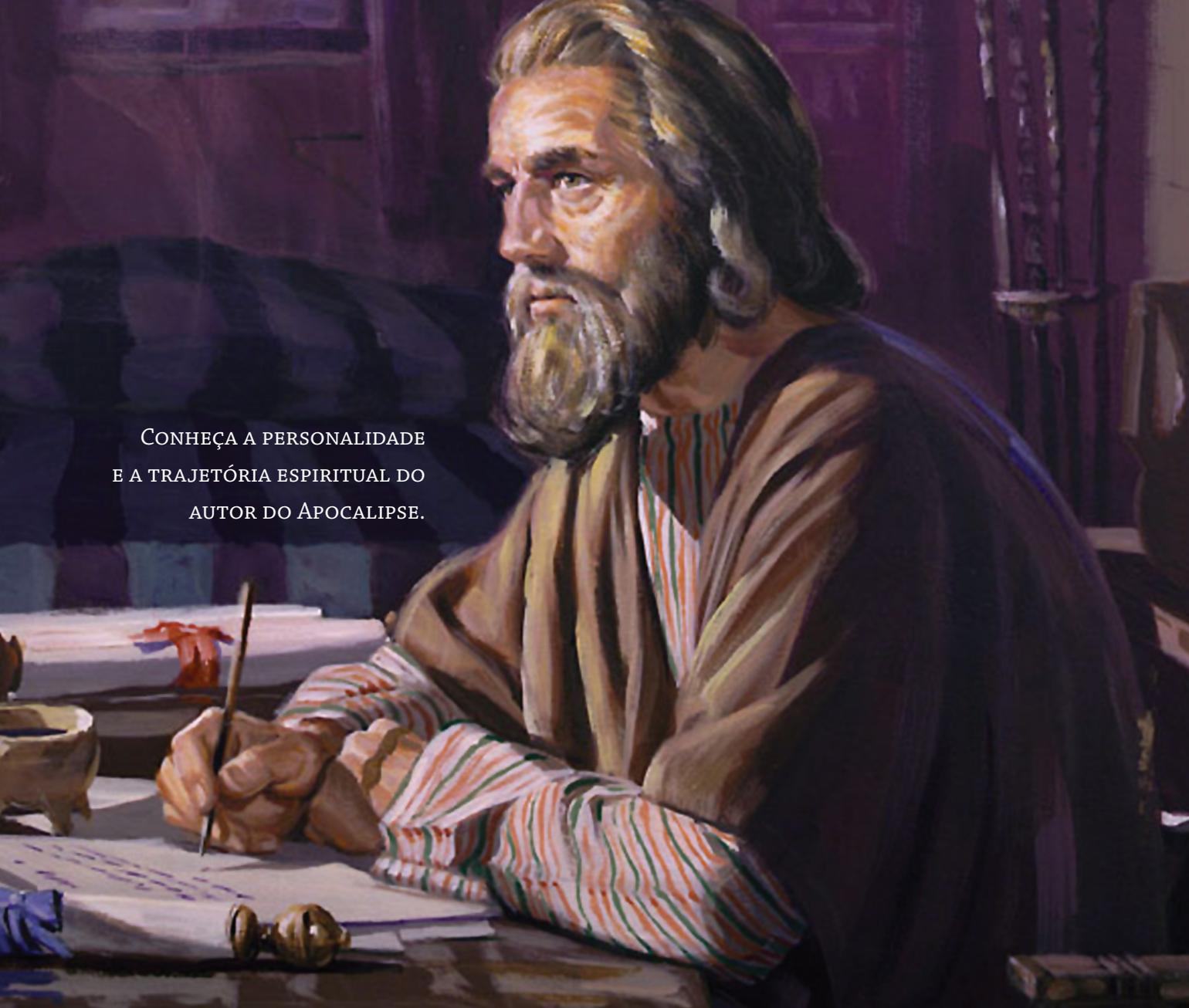
lipse. A tradição primitiva assim o reconhece e todos os escritores cristãos até ao terceiro século confirmam este facto. Também se acredita que João tenha passado os seus últimos anos em Éfeso.

Entretanto, há os que alegam a existência de outro influente João na Igreja da Ásia, no fim do primeiro século, que teria escrito o Apocalipse. Eles apresentam como base da sua tese o seguinte testemunho de Papias, bispo de Hierápolis, registado por Eusébio de Cesareia: “Eu inquiria acerca das palavras dos presbíteros o que André, ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor, disseram, e o que Aristion e o presbítero João, os discípulos do Senhor, dizem” (*História Eclesiástica*, III, 39.3 e 4). Aparentemente, dois Cristãos de destaque chamados “João” são referidos no texto: O apóstolo e um presbítero. Supõe-se que o primeiro teria escrito o Evangelho e o segundo teria redigido o Apocalipse.

Todavia, uma das formas de entender a declaração de Papias é

ver nela a presença de dois grupos de pessoas, sendo mencionado o nome “João” em cada um dos grupos, mas havendo apenas uma pessoa com esse nome, mencionada duas vezes. Os líderes de ambos os grupos são chamados “discípulos do Senhor”. Os discípulos do Senhor no primeiro grupo “*disseram*”, isto é, tinham vivido antes de Papias e anunciado as palavras de Jesus; os discípulos do Senhor no segundo grupo “*dizem*”, isto é, viviam no tempo de Papias. Se, como se acredita, o apóstolo João chegou vivo ao fim do primeiro sé-





CONHEÇA A PERSONALIDADE
E A TRAJETÓRIA ESPIRITUAL DO
AUTOR DO APOCALIPSE.

culo, então Papias, que nasceu por volta de 70 d.C., foi seu contemporâneo e pode tê-lo ouvido de viva voz. Nesse caso, o apóstolo é tanto o primeiro João citado, como o segundo, com a diferença de que, do corpo apostólico, ele era o único sobrevivente.

Outros pensam que João não poderia ter escrito o livro do Apocalipse no fim do primeiro século por ter sido morto muito antes pelos Judeus, a exemplo do que aconteceu com o seu irmão Tiago (Atos 12:1 e 2), o que teria cumprido a profecia de Jesus a respeito deles

(Mar. 10:38 e 39). Mas tal profecia não significa que João tivesse morrido ao mesmo tempo que o seu irmão. Vários anos depois do martírio de Tiago, ele é mencionado por Paulo como sendo um dos baluartes da Igreja (Gál. 2:9). Se ele também tivesse enfrentado o martírio, o que é improvável, teria sido bem mais tarde, pois o próprio Apocalipse dá a entender que, ao ser escrito, os Judeus ainda perseguiam os Cristãos.

A verdade é que não foi requerido que João fosse martirizado para que as palavras de Jesus se

cumprissem. O Salvador poderia perfeitamente estar a referir-Se à senda de sofrimento que os dois teriam pela frente, em contraste com o pedido por poder terreno feito por eles. Há ainda a considerar as palavras de Jesus em João 21:22: “Quero que ele permaneça até que eu venha.” Elas podem, em contraste com o tipo de morte que Pedro enfrentaria (João 21:19), significar que João não enfrentaria o martírio.

Dionísio, bispo de Alexandria falecido em 265, também afirmou que o autor do Apocalipse não

poderia ter sido o apóstolo João, escritor do quarto Evangelho, devido à diferença de linguagem entre uma obra e outra. Muitas palavras empregues com frequência por João no Evangelho são raras ou são mesmo inexistentes no Apocalipse. O uso de sinónimos reforça igualmente esta tese.

No entanto, devemos lembrar-nos de que a natureza do assunto pode ter levado o escritor a empregar termos diferentes no Apocalipse diante da necessidade de repetir ou de combinar as afirmações dos antigos profetas, considerando que as alusões a textos do Antigo Testamento são predominantes no livro. As condições adversas sob as quais o Apocalipse foi produzido devem ser igualmente levadas em conta. O escritor era prisioneiro na colônia penal da ilha de Patmos, palco das visões que proferiram o conteúdo do livro. Além disso, segundo a tradição, para a composição do Evangelho, João teria contado com a assistência de um secretário.

Mudança

Assim, a hipótese mais plausível aponta para o apóstolo João como sendo o autor do Apocalipse. E quem foi ele? Um ardoroso seguidor de Jesus desde a juventude. Alguém cujo exemplo demonstra como a graça de Deus pode transformar a vida daquele que a ela se submete. Ele passou para a história do Cristianismo como o “apóstolo do amor”.

A exemplo de outras personalidades da Igreja Primitiva, os dados biográficos de João aparecem esparsamente no Novo Testamento. Mateus menciona-o apenas quatro vezes, Marcos dez e Lucas sete. O quarto Evangelho, de sua autoria, menciona-o como sendo o discípulo amado e como um dos filhos de Zebedeu.

João era o mais jovem dos discípulos de Jesus. Talvez não fosse muito estimado pelos demais, em vista do seu ambicioso desejo de ocupar o primeiro lugar no reino. De facto, a cobiça, o amor às al-

tas posições e à supremacia, bem como a avidez em procurar a promoção pessoal (Mat. 10:35-37, 41) eram graves defeitos no caráter dele, e não eram os únicos. Jesus deu a João e ao seu irmão Tiago a alcunha “filhos do trovão”. Eram opiniosos, impetuosos, cheios de ressentimento e propensos à vingança (Luc. 9:49-54).

Por trás desses graves defeitos, porém, Jesus discerniu em João um ardente, sincero e amante coração. Embora, muitas vezes, repreendido pelo Mestre, ele apegou-se sempre firmemente a Jesus, até que a sua alma se uniu com a de Cristo. Era o “discípulo que Jesus amava”, não porque Jesus não amasse os demais, mas porque João se deixou dominar por esse amor, a ponto de ter a vida totalmente transformada. No seu coração a chama da lealdade e da devoção ardente tornou-o num dos mais destacados apóstolos na Igreja Cristã. Entre Jesus e ele desenvolveu-se uma profunda amizade.





João bebeu tanto da Fonte que alguns estudiosos e comentadores do seu Evangelho creem que a sua linguagem e o seu estilo correspondem à linguagem e ao estilo de Jesus. Embora isto não seja provável, é indiscutível que João nos apresenta um quadro profundamente original e distintamente autêntico de Jesus. Ele percebeu que Cristo Se encarnou para ser a perfeita revelação de Deus, dado o íntimo e pleno conhecimento que tinha do Pai.

Esse facto despertou no apóstolo o anseio de obter um conhecimento tão íntimo quanto possível do Salvador e de se tornar numa autêntica testemunha d'Ele. João conseguiu alcançar esse ideal por meio da sua vida apostólica e dos seus escritos. Então, no último livro da Bíblia, ele oferece-nos uma revelação final e surpreendente de Jesus. De facto, ninguém foi capacitado a exaltar melhor Cristo do que o apóstolo João.

A exemplo de Pedro e de Tiago, cedo João se tornou íntimo discípulo de Jesus. Ele testemunhou a transfiguração (Mat. 17:1) e, mais de perto, a agonia do Getsémani (Mat. 26:37). Esteve junto de Jesus na ceia e reclinou a cabeça no

Seu peito (Jo. 13:23-25). Do Getsémani, seguiu o Mestre até à sala do sumo-sacerdote, de quem era conhecido, e depois ao Calvário. Os episódios descritos por João (Jo. 19:18-35) são tão reais que só uma testemunha ocular poderia assim narrá-los.

Na manhã da ressurreição, João correu, acompanhado por Pedro, para ver o sepulcro vazio (Jo. 20:3-8). Na companhia dos demais, viu o Salvador ressurreto, inclusive logo após voltarem à pesca (Jo. 21:7 e 8). Nessa ocasião, depois do diálogo de Jesus com Pedro, concluído com a pergunta deste quanto ao destino de João, Jesus fez uma declaração que levou os discípulos a imaginar que João permaneceria vivo até à Segunda Vinda (Jo. 21:23).

João foi, entre os apóstolos, aquele que mais viveu, tendo chegado a uma idade avançada. Nessa época, por instigação dos Judeus, foi aprisionado por Domiciano, que ordenou que ele fosse atirado a um caldeirão de azeite fervente (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 570). Milagrosamente preservado por Deus, foi deportado pelo imperador para a ilha de Patmos, onde recebeu as

visões do Apocalipse. Domiciano reinou entre 81 e 96 d.C.. Segundo a tradição, Nerva, sucessor de Domiciano, libertou João, que voltou para Éfeso, onde terminou o seu ministério e os seus dias.

Como um dos lances finais do seu trabalho, João combateu as tendências gnósticas que pressionavam a Igreja na Ásia Menor, sob a influência dos ensinamentos de um herege chamado Cerinto. De facto, uma clara resistência a esses ensinamentos pode ser sentida no seu Evangelho e nas suas epístolas. O Apocalipse opõe-se a eles indiretamente.

João é um vívido exemplo do que a graça de Deus pode fazer por alguém que, apesar de ser possuidor de graves defeitos de carácter, a ela se entrega sem reservas. “Ele submeteu o seu temperamento ambicioso e vingativo ao modelador poder de Cristo, e o divino amor operou nele a transformação do carácter” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 557). Ele tornou-se semelhante a Cristo. Poderia haver experiência mais preciosa do que esta? ❖

• **José Carlos Ramos**
Teólogo



Deus é amor

Deus ama-me. E nada há que eu possa fazer para mudar isso, porque Deus é amor. Deus é amor; e não Deus tem amor, Deus *mostra* amor, Deus *dá* amor. Deus é amor. É o núcleo da Sua essência. É como Ele Se revela e como Ele Se identifica.

Imagine se a única coisa que soubéssemos sobre Deus era que Ele existia. Que Deus é. E imagine que nos cabia adicionar os adjetivos descritivos sobre Deus. Deus é... É claro que podíamos tentar dizer que Deus é onipotente (Todo-Poderoso); Deus é omnisciente (conhece tudo); e Deus é omnipresente (está em todo o lado). Mas, sem o facto do amor, este Deus seria um Deus assustador.

Por exemplo, considere a omnisciência divina. Ela transfor-

ma-se em *Eu estou a observar-te; Eu sei tudo sobre ti*. Provavelmente partiríamos do princípio de que Ele nos estava a observar para ver aquilo que estávamos a fazer de errado – para nos julgar. É por isso que a omnisciência em si mesma é assustadora. Mas, porque Deus é amor, Ele ama-nos tanto que não pode, nem por um momento, deixar de nos ver.

Deus é amor

O amor de Deus revela-se. Um beijo deu vida a Adão. O amor enviou Abraão para uma terra distante. O amor trouxe Moisés de volta ao Egito. Os mandamentos e as Escrituras – uns escritos à mão, as outras inspiradas – são cartas de amor.

Deuterónimo tem 34 capítulos, sendo o amor mencionado 29

vezes. É aí que Deus declara que Israel foi escolhido, mas não o foi por causa das suas capacidades, realizações ou dimensão. “Foi simplesmente porque Deus te ama” (Deuterónimo 7:7-9).

Os Salmos contêm 73 referências ao amor incansável de Deus (26 vezes no Salmo 136). O Velho Testamento termina, em Malaquias, com palavras enfáticas de condenação de Israel. Mas Malaquias começa do seguinte modo: “Sempre te amei, diz o Senhor” (Malaquias 1:2).

Deus é amor

Jesus é a demonstração por excelência deste amor. Deus falou através dos Seus profetas, mas, nos tempos do Novo Testamento, Ele fala através do Filho. Já não Se contentando com palavras,



Ele envia o Verbo. As epístolas de Paulo dão teologia e significado à história. A cruz demonstra o amor de Deus pela Sua Criação. O sentimento de abandono de Jesus significa que nós não precisamos nunca de nos sentir abandonados. O grito “Está consumado!” assinala a derrota do inimigo.

“Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados” (I João 4:10). Mas há mais, a promessa de Jesus ainda ressoa: “Eu voltarei.” Que tempo de alegria! Que tempo de tristeza! Deus alegre-Se, dado que Ele vem para buscar os Seus. O Seu coração quebra-se, dado que Ele é forçado a lidar com aqueles que O rejeitam, pois Deus é amor.

Deus é amor

Isto não fazia qualquer sentido no primeiro século: “A simples frase ‘Pois Deus amou tanto o mundo..’ teria intrigado um pagão conhecedor. E a noção de que os deuses se preocupam sobre o modo como nos tratamos mutuamente seria rejeitada como patentemente absurda.”¹

O mundo pagão nunca diria do seu panteão de deuses: “Os deuses são amor.” Seja como for que encaremos a questão, os deuses pagãos simplesmente não se preocupavam com os seres humanos. A descoberta do único Deus, com *d* maiúsculo, do Deus que é amor, mudou o mundo.

A verdade de que Deus é amor faz pouco sentido para tantos no nosso século. Vivemos numa época em que a religião está a ser abandonada; em que se considera sofisticado ser ateu; em que há muitas religiões restringidas por regras na sua tentativa de alcançar Deus. Outros sistemas de crenças procuram encontrar um deus interior. Descobrir o Deus que é amor mudará o seu mundo.

Deus é amor

Este é um bom ensino Adventista. Ellen White, ao escrever os cinco livros da coleção *O Grande Conflito*, começou o primeiro livro – *Patriarcas e Profetas* – com a frase “Deus é amor” e terminou o último livro – *O Grande Conflito* – com a frase “Deus é amor”. A arma de Deus, a força que O impulsiona no conflito cósmico, é o amor, porque Ele é amor. O livro de Ellen White intitulado *Aos Pés de Cristo* come-

ça com as seguintes palavras: “A Natureza e a revelação testificam sobre o amor de Deus.”

Deus é amor

Está revelado em “Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Esta frase foi dita por amor pelos soldados junto da cruz, pelos sacerdotes que levaram a multidão a um frenesim de ódio, pelos membros do Sinédrio que torceram a lei para assassinar o seu Messias. Mas ela ecoa ao longo das eras, sempre que o mal é personificado em pessoas como Adolf Hitler, Idi Amin e Osama bin Laden.

Embora possa parecer muito estranho, todos eles são amados por Deus. Deus é o Pai de todos os filhos pródigos, não importa quão longe eles estão do lar. O Seu amor é incondicional e nunca termina. Nunca terminou. Nunca terminará.

Deus ama-me. Deus ama-o. Deus ama-os – sejam eles quem forem. E não há nada, absolutamente nada, que nós possamos fazer para mudar isto, pois Deus é amor! ♡

• **Bruce Manners**

Pastor

1. Rodney Stark, *The Rise of Christianity*, San Francisco: Harper Collins, 1997, p. 211.

Lançamento



COLEÇÃO
Folhas de Outono

A CIÊNCIA DO BOM VIVER

Ellen G. White.



LIGUE
21 962 62 00

LIVRARIA DA
SUA IGREJA

WWW.PUBLICADORA-SERVIR.PT

Publicadora
SERVIR

twitter.com/PSerVir

facebook.com/PSerVir

ACOMPANHE ESTA E OUTRAS NOVIDADES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS